



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**NOTAS VELADAS: DO SILENCIAMENTO À  
COBERTURA SENSACIONALISTA DO SUICÍDIO  
PELA IMPRENSA FLUMINENSE**

PAULO CESAR CAVALCANTE DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**NOTAS VELADAS: DO SILENCIAMENTO À COBERTURA  
SENSACIONALISTA DO SUICÍDIO PELA IMPRENSA  
FLUMINENSE**

PAULO CESAR CAVALCANTE DE OLIVEIRA  
113204533

ORIENTADOR: Prof. Doutor Paulo César Castro

Monografia apresentada à banca de graduação para obtenção do grau de  
Bacharel em Jornalismo.

Rio de Janeiro

2017



## FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Paulo Cesar Cavalcante de

Notas veladas: do silenciamento à cobertura sensacionalista do suicídio pela imprensa fluminense. Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Notas veladas: do silenciamento à cobertura sensacionalista do suicídio pela imprensa fluminense**, elaborada por Paulo Cesar Cavalcante de Oliveira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Doutor Paulo César Castro  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Nilo Sergio S. Gomes  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Marcio Tavares d'Amaral  
Pós-doutor em Filosofia pela Universidade de Paris V - Sorbonne Sciences Humaines  
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017



**OLIVEIRA, Paulo Cesar Cavalcante de. Notas veladas: do silenciamento à cobertura sensacionalista do suicídio pela imprensa fluminense.** Orientador: Paulo César Castro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## **RESUMO**

Este trabalho visa analisar o modo como o suicídio é noticiado na imprensa, e principalmente o que motiva o tema a ser, por si só, negligenciado nos jornais. Para isso, buscam-se respostas na forma como a sociedade trata o tema historicamente e em como o diagnóstico de epidemias de suicídio causadas pela exploração do assunto resultou em uma mudança da inserção do suicídio nas notícias. O suicídio passa, então, a ser destaque nos jornais de acordo com critérios que se juntam ao acontecimento da morte voluntária: personalidades famosas envolvidas ou tragédias maiores por trás do ato. A pesquisa também identifica um ato de repelir prévio do jornalista ao lidar com o tema, o que o torna o suicídio um fenômeno crescente, mas silencioso. Para verificar a habilidade jornalística em relação a este tipo de notícia, analisa-se o manual da Organização Mundial da Saúde e sua aplicação em grandes jornais fluminenses.

*À minha família, meus pais: Dona Zezé e Seu Francisco,  
Às minhas grandes companheiras da vida: Mariana Rosa e Natália Rodrigues,  
Ao Ramon Mariano, por toda a força,  
Aos meus amigos da BandNews FM e da vida,  
Ao meu orientador, Paulo César Castro.*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. O SUICÍDIO TRATADO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO .....</b>	<b>5</b>
2.1 A romantização do suicídio na literatura .....	5
2.2 Notas sobre suicídio na história .....	8
2.3 Novas obras e a discussão sobre o Efeito Werther .....	11
2.4 O manual da Organização Mundial da Saúde .....	13
2.5 O Setembro Amarelo .....	17
<b>3. A MORTE E O SUICÍDIO NO NOTICIÁRIO .....</b>	<b>18</b>
3.2 O tabu do suicídio: uma análise comportamental .....	18
3.3 Critérios de noticiabilidade.....	19
3.4 Os manuais de redação e o suicídio.....	23
<b>4. A COBERTURA SOBRE CASOS DE SUICÍDIO .....</b>	<b>25</b>
4.1 Metodologia .....	25
4.2 Primeira cobertura: PM se suicida em transmissão no Facebook .....	30
4.3 Segunda cobertura: policial civil mata ex-sogros e se suicida .....	32
4.4 Terceira e quarta: pais que mataram os filhos .....	33
4.5 Outros três casos, com menor cobertura .....	35
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>37</b>
<b>6 ANEXOS .....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O suicídio como tabu na sociedade e as implicações do modo como esse tema é tratado levantam discussões de profissionais da saúde mental e de especialistas na área, que se debruçam sobre formas de prevenção a um ato que tem ganhado cada vez mais adeptos na modernidade. Trata-se de encaixar o ato para além de uma dimensão individual, mas social. Em sua pesquisa “O Suicídio”, Émile Durkheim faz essa avaliação, preservando a importância das características psicológicas para a análise do tema, mas focando nos aspectos sociais para criar uma teia de probabilidades e fatores que resultam no suicídio. Pensar o suicídio como objeto da aplicação de políticas públicas de saúde, mais especificamente com a ideia da prevenção, abre um leque com as mais diferentes causas para este problema. Elas vão desde patologias mentais, como a depressão, passando pela influência da atividade social e fatores externos que desestruturam o indivíduo, a ponto de lhe fazer pensar em tirar a própria vida. Este trabalho, por não ser uma publicação da área da psicologia ou psiquiatria, não tem por objetivo identificar essas causas, já bastante detalhadas e analisadas por outros grupos de pesquisadores. Tendo como aspecto norteador a prevenção, o objetivo, aqui, é verificar o comportamento da mídia, sobretudo da imprensa, na produção de notícias sobre suicídio.

Meu interesse pelo tema se deu basicamente pela verificação do suicídio como um assunto que não é tratado nas redações. Em minha experiência na rotina de trabalho da Rádio BandNews, por vezes ouvi uma frase que se repete para profissionais de outros veículos: “se for suicídio a gente não fala”. A partir daí, em 2015, comecei a ter curiosidade sobre o que motiva o suicídio a ser deixado de lado no noticiário, e toda a tensão que se cria em usar o substantivo, mesmo quando ele está envolvido na razão de um longo engarrafamento na Avenida Brasil ou afetou a circulação do metrô no horário de pico – assuntos que não podem ser ignorados. Sempre, nestas situações, a regra era bem clara: dizer que as respectivas vias tiveram o fluxo interrompido por um “acesso indevido”. Pegava-me numa reflexão pessoal de que o tal acesso indevido significava o fim de uma vida, que resultava na interrupção temporária da rotina de milhares (aí sim alvo do interesse público). Na época dessas minhas indagações eu era estagiário, e ainda passava pelo processo de aprendizado do que a notícia significa, de como ela é feita e porque é feita daquele ou desse modo. Resolvi fazer uma série de reportagens que falasse sobre o suicídio; mas, pesquisando sobre a inserção do tema no noticiário, percebi que não seria uma tarefa fácil. Não se trata de noticiar a abertura de um

buraco no asfalto da Avenida Rio Branco, em que a forma como é dita não é tão importante quanto a mensagem passada. Dei-me conta de que, ao falar sobre suicídio, eu precisava ter muito cuidado, e foi essa orientação passada pela minha chefia. Decidi, então, dar um foco diferente para a série de matérias, e foquei em casos de pessoas que venceram pensamentos suicidas ou mesmo tentativas. A reportagem “Um passo para trás” tinha depoimentos de um jovem gay soropositivo que tentou tirar a própria vida, mas encontrou na fé e em uma igreja inclusiva apoios. Também havia a participação de uma jornalista que escreveu um livro sobre o tema e passou a se interessar pelo fenômeno depois que o próprio pai se matou. Eram diferentes relatos, todos propositivos, abordando a vida como saída. Claro que eu sabia que não era possível escrever um mundo em cor de rosa, e as dificuldades dessas pessoas até vencerem a depressão também foram relatadas. A reportagem foi ao ar e teve uma boa repercussão. Recebemos relatos de familiares de suicidas agradecendo a forma humana com que o tema foi abordado, apontando sinais de um potencial suicida.

A experiência pessoal sobre o tema, portanto, foi determinante na escolha do objeto e também no desenvolvimento dele. Deixava-me inquieto o fato de a assessoria de imprensa do Metrô Rio e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por exemplo, não divulgarem dados relacionados a suicídios em suas dependências, e eu tentava entender essa “omissão”. Mais do que isso, após as observações iniciais, eu me questionava se de fato o tema deveria ficar marginalizado do noticiário, como se fosse uma experiência pela qual a audiência não passava, não tinha conhecimento. Com esses “pré-conceitos” sobre o tema, dispus-me analisá-lo à luz de autores da psicologia, filosofia e do próprio jornalismo.

Analisar os aspectos da cobertura jornalística sobre o tema importam para as políticas de prevenção, levando em consideração a descoberta e ampla divulgação do Efeito Werther como potencializador de casos de suicídio. Desta forma, a imprensa ganha papel importante como agente integrante de um plano para reduzir os índices desse tipo de morte. Pelo seu perfil influenciador e de promoção do bem-estar social, o jornalismo recebeu um tópico da Organização Mundial da Saúde (OMS) em sua série de manuais do Suicide Prevention Program (SUPRE) para grupos sociais e profissionais no conjunto de ações de prevenção. A cartilha “Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia” é feita para ser o principal documento utilizado por jornalistas que lidam com o tema, sobretudo no noticiário de violência, saúde, comportamento, ou mesmo em tabloides sobre famosos (no caso do suicídio de uma personalidade conhecida). O documento foi traduzido para diversas línguas e é, ainda hoje, base de palestras e seminários sobre prevenção destinados a profissionais da

imprensa. A última grande capacitação foi feita pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), braço da OMS nas Américas. Feito virtualmente, o seminário envolveu a participação de 130 jornalistas, especialistas em comunicação e profissionais de saúde mental de 30 países das Américas.

Com aspecto singular, o documento integra livros e publicações sobre prevenção ao suicídio e tem ampla divulgação em redações e no ambiente de trabalho de jornalistas, mas, conforme observado previamente, nem sempre é seguido. Este trabalho visa estudar a influência do manual na cobertura jornalística brasileira, com enfoque no Rio de Janeiro, tentando identificar se as práticas na produção das notícias atendem a uma cobertura responsável. A metodologia envolve a localização de notícias factuais, aquelas publicadas no calor do acontecimento, que tenham o suicídio identificado e relatado na reportagem. A partir daí, faz-se a análise do conteúdo, aplicando os conceitos formulados por Laurence Bardin no que diz respeito à investigação qualitativa. O objetivo é identificar se as notícias seguem as orientações da OMS no manual destinado aos jornalistas.

O trabalho não é novo em relação ao tema. O estudo dos significados do suicídio no noticiário já havia sido abordado por Arthur Dapieve, em “Morreu na contra-mão: o suicídio nos jornais”. O autor também utilizou sua observação na redação de *O Globo* para escrever suas análises sobre como o jornalista enxerga o tema do suicídio e como o noticia – se o faz. Este trabalho faz referências a Dapieve. Busca, ainda, a histórica obra “O Suicídio”, de Émile Durkheim, um dos trabalhos sociológicos mais importantes do século passado. Apesar de fazer referência ao autor, a presente análise toma cuidado ao dialogar com as ideias de Durkheim e as de outros autores que escreveram sobre o tema. Um dos pontos colocados sob a luz de diferentes olhares diz respeito ao entendimento do autor de que o suicídio, apesar de um ato social, não ocorre por imitação. A ideia é questionada quando se estabelece o Efeito Werther como razão pela qual o suicídio some do noticiário. Colaborações sobre o suicídio no campo filosófico também são usadas, como as de Schopenhauer, e na área da psicologia e psiquiatria, com estudos de associações de profissionais da área.

Outro tema importante neste trabalho é o histórico do tema. Assim, é estudado o modo como o suicídio foi relatado em diferentes épocas, principalmente pela literatura, através de obras famosas, como a tragédia “Romeu e Julieta” e o próprio romance “Os sofrimentos do jovem Werther”. Também foi procurado o entendimento da sociedade ao longo da história em

relação ao ato que, por exemplo, sempre foi condenado à luz do Cristianismo. Tal aversão é de profunda importância para observar como o suicídio é negligenciado em debates públicos.

O trabalho também analisa o comportamento dos jornalistas em relação a convenções que balizam a prática jornalística: tratam-se dos critérios de noticiabilidade. Para se chegar a isso, são estudadas algumas teorias do jornalismo e como os critérios trazem o tema da violência como um dos que tem maior presença nos jornais. Desse ponto de vista, a morte é objeto do interesse coletivo. Essa observação é encontrada nos estudos de Traquina, e ganha outros contornos com a colaboração de Muniz Sodré em relação à presença do grotesco na cultura de massa brasileira. Além disso, também se faz uso dos manuais de redação para observar o que, editorialmente, é dito em relação ao suicídio.

## **2. O SUICÍDIO TRATADO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

Toda a preocupação em torno da influência da mídia nos comportamentos suicidas não é por acaso. Ela surge a partir da concepção do chamado “Efeito Werther”. Esse termo passou a ser utilizado quando se verificou que um crescente número de suicídios teria ocorrido na Europa após a publicação do livro “Os sofrimentos do jovem Werther”, lançado em 1774 pelo alemão Johan Wolfgang von Goethe. A obra, marco inicial do romantismo e aclamada mundialmente até os dias de hoje, narra, com tom autobiográfico, o dilema do personagem principal que sofre por um amor não-correspondido. Após tentativas malsucedidas de ficar com a amada, Werther tira a própria vida com um tiro. Os suicídios que se seguiram à publicação do livro teriam ocorrido com o mesmo método, embora ainda haja dúvidas, hoje, sobre o impacto da obra no número de suicídios (DAPIEVE, 2007). De todo modo, o documento “Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia”, divulgado pela Organização Mundial da Saúde em 2000, cita o fenômeno e estabelece uma série de orientações de prevenção, levando em consideração a influência de publicações nas taxas de suicídio ou tentativas.

### **2.1 A romantização do suicídio na literatura**

A presença do suicídio em obras literárias é algo observado por especialistas do tema há muito tempo. Geralmente, o suicídio se torna o ponto final de vários romances com alta carga de drama, como veremos a seguir. Uma das lendas mais antigas do ocidente, “O mito de Tristão e Isolda” tem na morte um dos elementos principais da trama. A lenda, com origem creditada a povos celtas, foi replicada por diversos autores e tem sua publicação mais antiga, que se tem conhecimento, datada do século XII na Europa (OLIVEIRA, 2012, p. 6). Na história, Tristão, vai à Irlanda buscar a princesa Isolda para que ela case com seu tio, o rei Marcos da Cornualha, a quem presta serviço como cavaleiro. No caminho de volta à Grã-Bretanha, o casal bebe uma poção mágica do amor, que estava destinada a Isolda e Marcos. A falha provoca uma paixão irresistível entre os heróis, que estão cientes de seus destinos. Sendo assim, Isolda vai à corte e se casa com Marcos, mas mantém um romance com Tristão, atitude altamente condenável na época, com ferimento às leis sociais e religiosas. O protagonista é banido da corte e, ao ser ferido em combate, pede que tragam Isolda para curá-lo. Ele é enganado, quando o relatam que Isolda não virá, e morre. A princesa, ao vê-lo morto, morre de tristeza.

Histórias de destino trágico de amantes tem paralelos ao longo da história, mas talvez a mais famosa delas, similar à de Tristão e Isolda, seja uma das principais tragédias

shakespeariana, *Romeu e Julieta*, escrita no fim do século XVI. A peça implementa, em seu desfecho, o suicídio, como o único fim possível a Julieta, que também se defronta com seu amado morto por beber uma poção de veneno. Trata-se, aqui, do mito do herói romântico e do amor eterno, tão presente no gênero romance. Para Lagranha, “a morte vem como a redenção, e os amantes vivem seu amor na eternidade. Amor eterno, união para sempre: nascimento de um imaginário de eternidade do amor que ainda persiste entre nós”. (LAGRANHA *apud* SANTO, 2009, p. 1)

A presença do suicídio em Shakespeare não se resume à história dos apaixonados. A própria morte provocada também está em outra obra importante do dramaturgo inglês. Em *Hamlet*, a personagem Ofélia, apaixonada pelo personagem principal, morre afogada após algumas atitudes que indicam uma desordem mental. O próprio Hamlet se vê envolto em uma sombra de pensamentos que o levam a questionar a continuidade de viver. Durante a peça, o personagem pensa no suicídio por não suportar o choque do assassinato do pai. Hamlet passa a ter aversão à humanidade e nada mais na terra lhe parece fazer sentido. “Ser ou não ser, eis a questão” se torna o questionamento do herói, no ponto mais alto da trama. Mais uma vez, William Shakespeare inclui em sua obra o questionamento sobre continuar a viver, em um mundo repleto de mágoas, tristezas e sofrimento, ou pôr fim à vida e se livrar dos males da existência:

Ser ou não ser - eis a questão / Será mais nobre sofrer na alma /  
Pedradas e flechadas do destino feroz / Ou pegar em armas contra o mar  
de angústias - E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir; / Só isso.  
E com o sono ± dizem ± extinguir / Dores do coração e as mil mazelas  
naturais / A que a carne é sujeita; eis uma consumação / Ardentemente  
desejável. (SHAKESPEARE *apud* FERNANDES, 2010, p. 51)

Já em 1877, ou seja, após “*Os Sofrimentos do Jovem Werther*”, Liev Tolstói também lança mão do tema na novela realista “*Anna Karenina*”. A protagonista se joga na linha férrea do trem, também em meio a uma trama de romance e sofrimentos.

Na literatura portuguesa, no início do século XX, um dos grandes exemplos de autora que aborda o suicídio é de Florbela Espanca. A poetisa, porém, vai além, em sua trajetória, ao emaranhar o tema com sua própria angústia de vida. Muitos vêem o desejo de morrer de Florbela descrito em sua obra, uma vez que a portuguesa aborda a temática da morte constantemente. Sua vida cheia de sofrimentos se refletiu em suas poesias e serviu de

inspiração para elas. Acometida por doença mental, Florbela tentou o suicídio algumas vezes, até consumá-lo em 8 de dezembro de 1930, quando fazia 36 anos.

O que é a vida e a morte/ Aquela infernal inimiga/ A vida é o sorriso/ E a morte da vida a guarida./ A morte tem os desgostos/ A vida tem os felizes/ A cova tem a tristeza/ E a vida tem as raízes./ A vida e a morte são/ O sorriso lisonjeiro/ E o amor tem o navio/ E o navio o marinheiro./ (ESPANCA *apud* BEZZ, 2004, p.54)

A relação intrínseca entre o que é publicado e as angústias do autor também se faz presente em outra trajetória. A única obra da americana Sylvia Plath reflete as ansiedades e tormentos da escritora. A história de “A Redoma de Vidro” é tratada por muitos como semi-biográfico. Não chega a ser totalmente biográfico, já que muitos lugares e personagens comuns à vida da autora e de Esther Greenwood foram alterados, mas as angústias da protagonista e de Sylvia são parecidas. O livro conta a história de uma jovem que chega em Nova York para estagiar em uma revista feminina. Esther passa do fascínio de ter chegado àquele mundo distante de sua realidade ao desespero com a realidade. A obra termina com Esther tentando sair de uma instituição psiquiátrica e entrando em uma sala para ser entrevistada. O resultado da entrevista decidirá se ela está ou não apta a deixar o local. Sylvia se suicidou um mês após a primeira publicação da obra.

Não é incomum a trajetória artística retratar anseios do autor e, assim, temos na literatura um ambiente muito mais vasto e propício para a temática do suicídio ser levada às páginas do que um jornal, influenciado, em alguma medida, por um conjunto de regras morais e éticas. A arte, sendo assim, se torna mais imune a uma censura social. Para Freud, a escrita e a literatura são um campo vasto de experimentações para o além do que vivemos, de promoção de experiências fora da realidade. Deste modo, podemos pensar a liberdade autoral, também, como propulsora de obras que abordam o suicídio. Afinal, autores como Florbela Espanca e Sylvia Plath não se suicidaram antes de escrever.

Então ele também aceita as condições todas que valem para a gênese da sensação inquietante nas vivências reais, e tudo o que produz efeitos inquietantes na vida também os produz na obra literária. Mas nesse caso o escritor pode exacerbar e multiplicar o inquietante muito além do que é possível nas vivências, ao fazer sobrevir acontecimentos que jamais – ou muito raramente – encontramos na realidade. Ele como que denuncia a superstição que ainda abrigamos e acreditávamos superada, ele nos engana, ao prometer-nos a realidade comum e depois ultrapassá-la. Nós reagimos a sua ficção tal como reagiríamos a nossas próprias vivências;

ao notarmos o engano, é tarde demais, o autor atingiu seu propósito. (FREUD, 1996, p. 373)

No poema “Homenagem”, publicado em 1973 no livro “As impurezas do branco”, o brasileiro Carlos Drummond de Andrade cita dez autores que se suicidaram, entre eles Virgínia Wolf, Walter Benjamin e Jack London (pseudônimo de John Griffith Chaney). No fim, ele os homenageia nos versos: “e disse apenas alguns/ de tantos que escolheram/ o dia a hora o gesto/ o meio/ a dis-/ solução”. A homenagem é àqueles que escolheram o dia e a hora da própria morte. No poema, vem à tona a afirmação da própria liberdade. Não são poucos os exemplos de obras literárias que levantam uma carga de mérito e aceitação a um personagem que tenha se suicidado. Essa percepção é diferente do tabu pelo qual a sociedade retrata este ato, como veremos a seguir.

## 2.2 Notas sobre suicídio na história

A sociedade grega antiga classificava como ilegal a prática do suicídio. A *polis* estabelecia como regra que o indivíduo conseguisse aprovação da comunidade para tal. Sendo assim, o suicídio era condenado na ordem política e jurídica. Para que não seguisse a norma, as honras de enterro eram negligenciadas. O cadáver tinha a mão amputada e não era sepultado como os outros cidadãos. O Estado, no entanto, tinha o poder de autorizar um suicídio e também de induzi-lo.

Algumas sociedades ocidentais também viam o suicídio como saída para debilidades físicas ou mentais de indivíduos, sobretudo os mais velhos. Por estas razões, a prática era permitida em povos como os estóicos e epicureus (DAPIEVE, 2007, p. 87). No Egito, era comum a prática de suicídio entre escravos que morriam junto a seus donos quando estes faleciam por qualquer outra causa. Já em Roma, a prática do suicídio era julgada pelo Senado. Pessoas de classes sociais mais altas podiam ter o suicídio autorizado, sem sanção. Já escravos eram condenados postumamente.

A lei, no Império Romano, estabelecia que o senhor exercia sobre si próprio o direito de continuar vivendo ou não. Já a autoridade do escravo, por ser do seu senhor, proibia que este tirasse sua vida. Além disso, a prática, pelo escravo, acabava por diminuir o capital do senhor. O ato suicida do escravo era inseparável da condição do indivíduo. Em diversas culturas, as sanções impostas incluíam o sequestro dos bens do indivíduo que tirasse a própria vida, penalizando, por consequência, seus familiares.

Segundo Durkheim, assim que as sociedades cristãs se estabeleceram, o suicídio foi proibido. A Igreja estabelecia uma relação de causa ligada a crenças de que o demônio influenciava pensamentos e atos suicidas.

Já em 452, o concílio de Arles declarou que o suicídio era um crime e só podia ser efeito de um furor diabólico. Mas foi apenas no século seguinte, em 563, no concílio de Praga, que essa prescrição recebeu sanção penal. Decidiu-se, então, que os suicidas não seriam “honrados com nenhuma comemoração no sagrado sacrifício da missa e que o canto dos salmos não acompanharia seu corpo ao túmulo. (DURKHEIM, 1897, p. 422)

A inserção do tema de se dar cabo à própria vida perpassa diferentes situações. Já vimos em que há casos de ser tratado como substância de romances e histórias trágicas e como também existem histórias e escritos influenciados pela condição da vida do autor.

Em “O mito de Sísifo”, Albert Camus cita o problema do suicídio no início do ensaio: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”. O suicídio é uma das questões complexas abordadas por Camus na obra. Nela, o autor introduz sua filosofia do absurdo: a do homem em busca de sentido, unidade e clareza no rosto de um mundo ininteligível desprovido de Deus e eternidade.

O suicídio sempre foi tratado somente como um fenômeno social. Ao invés disso, aqui se trata, para começar, da relação entre o pensamento individual e o suicídio. Um gesto como este se prepara no silêncio do coração, da mesma forma que uma grande obra. O próprio homem o ignora. Uma tarde ele dá um tiro ou um mergulho. De um administrador de imóveis que tinha se matado, me disseram um dia que ele perdera a filha há cinco anos, que ele mudara muito com isso e que essa história “o havia minado”. Não se pode desejar palavra mais exata. Começar a pensar é começar a ser minado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se acha no coração do homem. É ali que é preciso procurá-lo. É preciso seguir e compreender esse jogo mortal que arrasta a lucidez em face da existência à evasão para fora da luz. (CAMUS, 1942, p. 8)

Nesta obra, o suicídio é tratado com o rigor da seriedade que merece sob a ótica da filosofia e indagações sobre a existência humana, integrantes da trajetória de Camus. A contradição da vida, marco no absurdo camusiano, é revelado em outras de suas obras. No protagonista de “O Estrangeiro”, por exemplo, que vai contra as regras e convenções que

possam lhe tolhir a sua liberdade, mas que, por fim, a perde. Para Camus, ainda no ensaio, a razão é impotente em relação ao clamor da alma por uma explicação totalitária. Assim, nem mesmo a razão tem a capacidade de tirar as incertezas do homem, desta forma, o mesmo não alcançaria a felicidade neste mundo ao deparar-se com o absurdo. A obra de Camus é permeada por espelhos de seu tempo: na Argélia, onde nasceu, ele viveu sob o signo da guerra, fome e miséria, situações que orientaram as reflexões do escritor. Além disso, “O Mito de Sísifo” foi publicado durante a Segunda Guerra Mundial, um período de absurdos governamentais, desorientação social e aprofundamento das questões interiores em um nível social e amplo, para além do indivíduo.

Camus é um dos poucos autores, ou talvez um dos mais conhecidos, que abordam o tema do suicídio na literatura (não aí incluídos os estudos sociológicos) de um ponto de vista a entendê-lo e procurar respostas para esse fenômeno. Nesse tipo de literatura, os questionamentos existenciais ainda existem, mas não são citados sem um “e qual a saída?”. A abordagem dramática, romantizada, a que reflete os problemas do homem no mundo e suas formas de fugir desses problemas, é encontrada de maneira fértil nas abordagens anteriores.

Em seu ensaio, tenta fornecer respostas ao absurdo da existência e, em certa medida, algumas estratégias de fuga do suicídio. Ao relacionar a realização do absurdo a um fim pronto, o suicídio, Camus diz que a exigência, o próximo passo, a uma mente influenciada pelo absurdo é a revolta:

É aqui que se vê a que ponto a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se acreditar que o suicídio se segue à revolta. Mas é engano. Porque ele não representa o resultado lógico. É precisamente o seu contrário, pelo consentimento que envolve. O suicídio, como salto, é a aceitação em seu limite. (CAMUS, 1942, p. 42)

Já em 1969, o escritor argentino Antonio Di Benedetto traz à tona o tema em seu livro “Os suicidas”. O romance permeia a vida de um jornalista que está prestes a completar 33 anos – idade com que seu pai se suicidou. Ironicamente, o personagem tem como tarefa escrever uma reportagem sobre suicídios. A angústia pela experiência familiar passeia pelo livro e pelo trabalho do repórter, que coleta dados e informações sobre casos de pessoas que deram cabo à própria vida. O jornalista reúne diferentes informações acerca do tema, tais como espécies animais que se suicidam e até métodos de acordo com determinadas culturas. O conjunto de informações levantadas pelo protagonista e os relatos ouvidos o afasta de ter o mesmo destino de seu pai.

### 2.3 Novas obras e a discussão sobre o Efeito Werther

Neste trabalho, passa a ser importante – pelo presente momento, de influência das novas tecnologias e produções audiovisuais – analisar a série dramática *13 Reasons Why* (Os 13 porquês) da Netflix. O produto da empresa americana se tornou sucesso entre os assinantes da plataforma de streaming e faz parte do rol de produções próprias, o que torna sua divulgação e publicidade com os requintes de outras séries da Netflix: massiva, com visualização quase que obrigatória entre os assinantes.

O enredo conta a história da estudante Hannah Baker, que já está morta quando a série começa. Os episódios, de cerca de uma hora de duração, tentam explicar os motivos que a levaram a se matar cortando os pulsos na banheira de casa. Trata-se de um minucioso trabalho, feito pela própria jovem, de apontar os culpados que a levaram a se suicidar. Ela grava, em fitas, relatos de como colegas do colégio mudaram sua vida, com a implementação do bullying no seu dia-a-dia, contribuindo para a sensação de que não fazia mais sentido viver – lutar contra ou aceitar aquilo. A forma como a série trata o suicídio – em um momento em que se popularizam campanhas contra a prática e contra o bullying – fez especialistas passarem a questionar se a exibição da trama poderia ter impacto negativo nas discussões sobre o tema, se poderia influenciar jovens a se matar (também alegando os “porquês” de Hannah) ou mesmo se a abordagem do suicídio era adequada.

As críticas fizeram um dos roteiristas, Nic Sheff, rebatê-las em um artigo na revista *Vanity Fair*, mais precisamente sobre a exibição da cena de suicídio. Ele se disse orgulhoso de fazer parte de uma série que “nos força a ter essas conversas, porque o silêncio mata da mesma forma” e que é preciso “continuar falando, compartilhando e mostrando as realidades com que nossos adolescentes têm de lidar todo dia.” Em uma postagem em seu Facebook, o psiquiatra Luís Fernando Tófoli, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, divulgou um texto contra a série – que é baseada no livro homônimo, de Jay Asher. O médico fez um alerta para a indução do suicídio a partir da série. Em seu relato, diz que “educadores e adolescentes estejam cientes de que o programa tem o potencial de causar danos a pessoas que estão emocionalmente fragilizadas e que poderão, sim, ser influenciadas negativamente” (TÓFOLI, 2017).

A grande repercussão causada pela divulgação da série não foi a mesma com a publicação do livro, dez anos antes da estreia do produto audiovisual. Observa-se, com a série, alguns efeitos da chamada comunicação de massa e suas postulações seguintes. Um dos

efeitos é a mídia liderando a massa, adestrando-a e atrofiando sua imaginação e espontaneidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Desta forma, temos a influência sobre o espectador. A abertura, porém, das discussões para a chegada a análises contrárias à série pode estar mais aproximada de outra tendência, a da desmassificação, que segmenta a propulsão de informação por nichos específicos (TOFFLER, Alvin, 1970). Do mesmo modo que tínhamos a mídia influenciando massivamente, por meio de poucos, mas poderosos veículos, atualmente temos uma vasta gama de produtos da cultura pop, claro que influenciando grupos de pessoas, mas também abrindo margem para o questionamento e possibilidade de diferentes formas de ser atingido.

O cuidado que se decorre, nos dias recentes, com a mensagem passada por produtos comunicacionais, no que se refere ao suicídio, é levado em consideração após um estudo e análises apontarem “Os sofrimentos do jovem Werther” como desencadeador de mortes voluntárias em massa (PHILIPS, 1974). Na novela, Werther, um jovem advogado, se muda para uma cidade com o objetivo de cuidar dos negócios da família. Lá, no entanto, se apaixona por uma das moradoras, a jovem Charlotte, que é noiva. A impossibilidade da paixão ser consumada leva Werther ao desespero e a uma profunda depressão, o que o faz colocar fim à própria vida. De acordo com registros da época, centenas de jovens tiraram a própria vida no período da publicação. Alguns estavam vestidos com trajes do personagem principal do livro, adotaram o mesmo método de suicídio (com um tiro de pistola), ou estavam com o livro no momento em que foram encontrados. Essa ideia, no entanto, não encontra relação nos estudos sociológicos de Durkheim, que considera restrito o número de casos nos quais a imitação acontece. David Philips, ao estudar o suicídio por imitação, encontrou aumento de 12% nos casos nos Estados Unidos em agosto de 1962, mês do suicídio de Marilyn Monroe, que foi altamente noticiado e publicizado. Segundo o sociólogo, foram 197 mortes a mais do que seria esperado em um mês normal.

Ainda com relação ao “efeito Werther”, na prática, não há estatísticas do fenômeno sobre a população masculina jovem da Europa no período da publicação (DAPIEVE, 2007). O que se tem, no entanto, é uma tentativa, por parte de organizações de prevenção ao suicídio e mesmo de especialistas da saúde mental de estabelecer um limite na discussão do tema no intuito de evitar novos casos, ou seja, do debate consciente.

## 2.4 O manual da Organização Mundial da Saúde

Em 1999, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou a Suicide Prevention Program (SUPRE), uma iniciativa de alcance mundial para a prevenção do suicídio. Os esforços são dirigidos a grupos sociais e profissionais específicos, que são de particular relevância para a prevenção do suicídio. O objetivo é alertar e criar políticas de prevenção junto a governos, comunidades e famílias e quem os constituem.

A OMS (2000) classifica o suicídio como um “problema grave de saúde pública” que requer atenção. A organização enxerga o suicídio e as tentativas como uma prioridade na agenda global de saúde e incentiva os países a desenvolverem e reforçarem suas estratégias de prevenção com uma abordagem multissetorial, quebrando os estigmas e tabus que existem sobre o assunto. Também segundo a OMS, por ano, 800 mil pessoas se suicidam no mundo, o que representa uma média de um caso a cada 40 segundos. Isso coloca a prática como uma das maiores causas de mortes. E sua taxa vem crescendo.

Uma das reflexões do grupo de trabalho envolvido com a SUPRE é a de que a imprensa tem papel fundamental entre os entes de apoio a um objetivo comum: a prevenção. Relata o documento “Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia” que ela “influencia fortemente as atitudes, crenças e comportamentos da comunidade e ocupa um lugar central nas práticas políticas, econômicas e sociais”. O documento, também, é fortemente influenciado pela ideia do “efeito Werther”, citado sem necessidade de profundas explicações acerca das motivações que levaram Philips a empregá-lo em seu estudo.

Para Dapieve, além de ser determinante do modo como seu público encara o suicídio, a “imprensa sim é determinada pela visão que seus consumidores – vale dizer a sociedade como um todo, no caso de jornais de grande circulação ou redes de rádio e TV – têm da morte voluntária. Nessa perspectiva, a imprensa se colocaria, então, não como vetor do contágio, mas como instância social solidária ao tabu que a suplanta” (DAPIEVE, 2007). E cita ainda a noção da “implicação”, que Teun A. Van Dijk, professor de Estudos do Discurso na Universidade de Amsterdã, usa para análise crítica das notícias. Para Van Dijk, “muito da informação de um texto não é expressada explicitamente, mas deixada implícita. [...] A análise do “não-dito” é às vezes mais reveladora do que o estudo do que de fato foi expressado no texto” (*apud* DAPIEVE, 2007). Este assunto, entretanto, será mais detalhado no capítulo a seguir.

Em seus estudos sobre a influência da televisão na sociedade (e uma das reflexões mais prestigiadas dos *media*), Pierre Bordieu (1997) vê o meio como “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica”. Antes disso, ainda, Adorno e Horkheimer já chamavam a atenção para o conteúdo ideológico dos meios de comunicação de massa e como “inevitavelmente, cada manifestação da Indústria Cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a Indústria em seu todo” (ADORNO, 1985, p. 119). Desse modo, a reprodutibilidade se dá a partir do momento que os fatores ideológicos, disseminados pela indústria cultural, passam a legitimar a estrutura social tal e qual ela é. Os campos econômicos, nesse sentido, têm influência-chave na forma como a mídia se porta perante à sociedade, fazendo com que uma seja o espelho de outra.

Portanto, em uma tentativa de se evitar práticas que reforcem a ideia de “espelho” em relação à manutenção de tabus e mesmo de se mitigar a influência de uma notícia de suicídio no desencadeamento de novos casos, o documento da Organização Mundial da Saúde foi elaborado. O guia lançado na virada do século XXI é curto – são dez páginas – bastante prático, de fácil leitura e com orientações bem abrangentes.

Nos esforços da SUPRE, a OMS tem uma série de medidas que podem ser tomadas para prevenir o suicídio e reduzir as taxas de tentativas. Isso inclui reduzir o acesso aos meios utilizados (como pesticidas, armas de fogo e alguns tipos de medicamentos), identificação e tratamento de pessoas com transtornos mentais, acompanhamento de pessoas que tentaram suicídio, e, o que será aqui abordado, a sugestão de práticas para uma cobertura responsável pelos meios de comunicação. Para o sucesso do programa de prevenção, todos os agentes incluídos na estratégia precisam estar sincronizados acerca do planejamento, para que não haja falhas no que diz respeito ao encaminhamento das medidas.

A imprensa é um importante e intrigante objeto de estudo das organizações de prevenção ao suicídio. Para a mídia, a abordagem segue a lógica dos critérios de noticiabilidade e seu extenso leque de probabilidades. O manual afirma que as pessoas com comportamento suicida não estão totalmente certas se querem pôr um fim à própria vida e, sendo assim, a publicidade do tema, do modo errado, pode influenciar pessoas vulneráveis a tomarem a decisão de se matar. O estudo sobre a relação entre o noticiário e o suicídio cita a publicação do livro “Solução final: praticabilidade da auto-eliminação (final exit)”, de Derek Humphry. De acordo com a OMS, após a publicação, os suicídios aumentaram em Nova York. Chamou a atenção dos pesquisadores que os métodos descritos no livro foram

amplamente utilizados por quem decidiu pôr fim à própria vida. A influência que a notícia de um suicídio exerce sobre alguém que está disposto a se matar decorre do fato, também, de que um indivíduo que tem essa pretensão não se sente sozinho ao saber que, em algum ponto da cidade, alguém tirou a própria vida pulando de uma ponte, por exemplo. Casos de suicídio envolvendo celebridades também têm impacto forte sobre a decisão de outras pessoas. Neste ponto, voltemos aos ensinamentos de Durkheim que, como já dito anteriormente, considera que os suicídios por imitação não exercem forte influência sobre as taxas:

Na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do assassinio não é o fato de se falar nisso, é a maneira pela qual se fala. Onde essas práticas são abominadas, os sentimentos que despertam traduzem-se através dos relatos que se fazem delas e, por conseguinte, neutralizam mais do que excitam as predisposições individuais. Ao contrário, quando a sociedade está moralmente desamparada, seu estado de incerteza inspira-lhe uma espécie de indulgência para com os atos imorais, a qual se expressa involuntariamente todas as vezes que se fala neles e torna sua imoralidade menos perceptível. (DURKHEIM, 1897, p. 160)

O manual da OMS também sugere as formas corretas de abordar o tema. (1) O suicídio não pode ser noticiado de forma sensacionalista; a informação precisa vir acompanhada dos motivos que causaram isso, principalmente quando envolver algum distúrbio mental. Mas só isso não é suficiente. (2) A notícia precisa ser mostrada com alguma informação que leve alguém a buscar ajuda, caso se encontre em uma situação parecida à da pessoa que se suicidou. O documento ainda mostra que (3) o suicídio não pode ser tratado de maneira simplista ou inexplicável, reduzindo a importância que se dá ao impacto que a informação pode gerar nas pessoas. As formas de abordar as propostas da OMS serão melhor detalhadas no capítulo 4.

O documento passou por uma atualização em 2017, mas a nova versão ainda não ganhou tradução para o português. Na divulgação do seminário feito no primeiro semestre do mesmo ano, a notícia da página em português ainda faz referência ao manual lançado em 2000. Porém, a página da SUPRE, em inglês, traz uma versão do documento atualizado. As orientações para a imprensa estão reduzidas (antes, eram 17 tópicos, agora são 12). As recomendações, antes, eram divididas para notícias gerais de suicídio, de casos específicos e informações de ajuda. Na nova versão, as orientações são do que fazer e do que não fazer no trabalho jornalístico. As principais mudanças são (4) a exclusão de itens que dizem respeito mais precisamente ao fazer jornalístico, em relação à rotina (como, por exemplo, de

estatísticas serem interpretadas cuidadosamente e corretamente e fontes confiáveis e autênticas serem usadas) que não influenciam precisamente a análise prática do que se propõe, ou seja, da prevenção.

A nova versão também suprimiu itens, como “comentários improvisados devem ser feitos cuidadosamente”, “generalizações baseadas em fragmentos de situações requerem atenção particular”, “a glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida” e “a descrição das conseqüências físicas de tentativas de suicídio não fatais (dano cerebral, paralisia, etc), pode funcionar como um fator de dissuasão”. Um outro item foi incluído: (5) “reconheça que os próprios profissionais de mídia podem ser afetados por histórias sobre suicídio”. De modo geral, as orientações se mostram bastante semelhantes, não havendo, portanto, significativas mudanças na estratégia da SUPRE para os profissionais de mídia.

No Brasil, um documento importante direcionado a jornalistas com orientações e informações sobre o tema é o manual “Comportamento suicida: conhecer para prevenir”, da Associação Brasileira de Psiquiatria. A publicação é similar em alguns aspectos ao manual da Organização Mundial da Saúde (inclusive o cita como referência). Mas trata-se de uma publicação mais abrangente, que mune os jornalistas também com informações e dados demográficos sobre a incidência do suicídio no Brasil e no mundo, além de apontar as principais causas e o próprio cuidado ao se noticiar casos. O manual da ABP também faz uma interessante análise sobre a influência positiva de reportagens que podem ajudar a dissuadir alguém do ato suicida (o efeito Papageno). E também tem dicas importantes para a imprensa. De modo geral, porém, as dicas para os jornalistas encontram correspondências no manual da Organização Mundial da Saúde, como o destaque que precisa ser evitado, a orientação sobre em qual parte do jornal a notícia pode ser incluída, palavras e termos que devem ser evitados e a conscientização sobre a prevenção ao suicídio.

O manual da ABP é acompanhado de muitos exemplos práticos, tratados na mídia. Cita, por exemplo, como algo a não ser feito, a abordagem da revista *Time* sobre a morte de um ministro japonês. A publicação revela a morte com itens que a romantiza e até a heroiciza. O título dizia “Suicídio põe fim a escândalo no Japão”. Por outro lado, também aponta para reportagens que acertaram ao tratar o tema, apresentando possíveis soluções e experiências de superação, como uma do jornal gaúcho *Zero Hora*. A série, intitulada “Tragédia silenciosa”,

era acompanhada de diversos dados sobre o problema e os esforços tomados para conter os índices de suicídio no Brasil e no mundo.

## **2.5 O Setembro Amarelo**

No Brasil, a principal organização de prevenção do suicídio é o Centro de Valorização da Vida (CVV), fundado em 1962, em São Paulo. A entidade, sem fins lucrativos e de natureza filantrópica, presta serviço voluntário de apoio emocional a pessoas que pensam em tirar a própria vida. Todos os diálogos são sob sigilo e feitos presencialmente (em 80 postos físicos em 18 estados e no Distrito Federal), por telefone (pelo número 141 e que, até 2020, deverá ter o 188 em todo o país) e também online, via chat. Segundo o site do CVV, são realizados 1 milhão de atendimentos anualmente pelos 2 mil voluntários. O Centro de Valorização da Vida faz parte do Befrienders Worldwide, entidade em que se associam as instituições do gênero de todo o mundo.

Em 2015, o CVV passou a apoiar, em conjunto com a Associação Brasileira de Psiquiatria, a campanha Setembro Amarelo, que já existia em todo o mundo promovido pela Associação Internacional para Prevenção do Suicídio. Trata-se de um conjunto de ações pelo país de divulgação da prevenção do suicídio e busca por auxílio com a identificação da cor amarela em monumentos, prédios e pontos turísticos para alertar sobre a causa. Nos últimos anos, espaços como o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, o Congresso Nacional e a ponte Juscelino Kubitschek em Brasília, o estádio Beira Rio em Porto Alegre, a Catedral e o Paço Municipal de Fortaleza, a Ponte Anita Garibaldi em Laguna, e o Palácio Campo das Princesas em Recife receberam iluminação em amarelo. Também foram feitas ações de rua, como caminhadas, passeios ciclísticos, passeios de motos e abordagens em locais públicos em várias cidades do Brasil, segundo o site da campanha. Entre os esforços empenhados para a divulgação da campanha, está a participação da imprensa e da mídia em geral. No capítulo 4 deste trabalho, serão detalhadas reportagens sobre o tema.

### 3. A MORTE E O SUICÍDIO NO NOTICIÁRIO

Apesar de tratado como um problema urgente nas agendas de saúde em todo o mundo, o suicídio ainda é visto como um tabu, um assunto evitado por muita gente (DAPIEVE, 2007). São recorrentes os casos de famílias que evitam falar do suicídio como causa da morte de um ente por vergonha. Isso porque a prática é tomada, na maioria dos casos, como “ponto final” para um problema ou uma série de problemas enfrentados na vida, associados, como dito anteriormente, a transtornos mentais. Sendo assim, uma parcela importante da sociedade identifica o suicídio como desistência de continuar lutando contra os problemas.

#### 3.2 O tabu do suicídio: uma análise comportamental

No ensaio “O problema moral do suicídio”, o filósofo alemão Paul Ludwig Landsberg identifica que o “sagrado horror ao suicídio é um fenômeno exclusivamente cristão” (LANDSBERG, 2009, p. 66). Outro ponto importante é que é recorrente pensar no suicídio consumado como um ato de motivações pessoais, em que não se sugere interferências externas. Nesse caso, a vida é encarada como um pertence pessoal que pode ser gerenciado, ter continuidade ou não, dependendo da pessoa. Enxergar o suicídio desse ponto de vista reforça o pensamento do suicídio como uma escolha, mas não uma escolha que possa ser orgulhosa.

Em sua principal obra, “O mundo como vontade e representação”, Schopenhauer enxerga o suicídio “como um ato inútil e porventura insensato”, mas defende o direito de se decidir sobre o ato:

Mudam os dogmas e é falaz o nosso saber, mas a natureza não se engana jamais: o seu passo é seguro e ela não o esconde. Tudo nela é completo e ela efetivamente é completa em tudo. A natureza tem o seu centro em cada ser animado: o animal encontrou com segurança o caminho para entrar na existência, como com segurança o encontrará para sair dela. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 7)

O suicídio como tabu ainda é influenciado por outro aspecto, que o envolve, o da morte. Kübler-Ross (2008) vê a morte “como um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal” e, com isso, os debates referentes a ela são considerados mórbidos.

Diz, ainda, Rubem Alves, sobre o suicídio:

A morte do suicida é diferente. Pois ela não é coisa que venha de fora, mas gesto que nasce de dentro. O seu cadáver é o seu último acorde, término de uma melodia que vinha sendo preparada no silêncio do seu

ser... Mas no corpo do suicida encontra-se uma melodia para ser ouvida. Ele deseja ser ouvido. Para ele valem as palavras de César Vallejo: “su cadáver estava lleno de mundo”. O seu silêncio é um pedido para que ouçamos uma história cujo acorde necessário e final é aquele mesmo, um corpo sem vida. (ALVES, 1991, p. 12)

Um indivíduo que tirou a própria vida é visto, por muitos, como alguém que desistiu, e isso na seara familiar ou em um ciclo de amizade acaba por ser escondido. O tabu criado em torno da prática, por fim, acaba por atrapalhar as medidas preventivas. Trabalhar os aspectos mistificados em torno do tema é um dos objetivos do programa de prevenção da OMS, como se percebe no documento da entidade endereçado a conselheiros.

Se o suicídio passou a fazer parte da seara da saúde pública, causas passaram a ser associadas a ele, como ocorre com as mais diversas patologias das quais se tem conhecimento. São, portanto, as causas mais comuns: depressão, transtorno bipolar, alcoolismo e abuso de drogas. Estimativas dão conta que 90% das pessoas que tiraram a própria vida tinham alguma perturbação mental, sendo que 60% delas estavam em estado depressivo. Outro fator de risco que ganha a atenção dos profissionais ligados à prevenção é a esquizofrenia. Aproximadamente de 10% a 15% dos indivíduos com esquizofrenia morreram por suicídio. (WORLD PSYCHIATRY *apud* ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSQUIATRIA, 2016. p. 10). Os próprios transtornos mentais são temas negligenciados na sociedade, embora isso esteja em ritmo de mudança.

Além disso, trata-se, em muitos casos de uma prática que se anuncia, conforme Barros:

Uma grande questão vinculada ao suicídio é que a prevenção, de forma global, é possível. Logo, os comportamentos suicidas podem ser contextualizados como um processo complexo, que pode variar desde a ideia de retirar a própria vida, que pode ser comunicada por meios verbais e não verbais, até o planejamento do ato, a tentativa e, no pior dos casos, a morte. (BARROS, 2013, p. 10)

### **3.3 Critérios de noticiabilidade**

Como reforça Traquina em sua obra Teorias do Jornalismo, estudos mostram que jornalistas têm dificuldade em explicar o que é notícia e seus critérios de noticiabilidade. Seguindo análises de Gaye Tuchman, o teórico afirma que “jornalistas invocam a posse de uma capacidade que, segundo Tuchman, mal conseguem definir, em parte devido à forma como a cultura profissional privilegia um saber instintivo e não reflexivo” (TUCHMAN *apud*

TRAQUINA, 2005, p. 62). Em uma entrevista, Nelson Traquina chega a dizer que os jornalistas não dão importância para a teoria e que, por conta disso, após tantos anos de pesquisa na área, o jornalismo não sofreu substanciais influências dos estudos.

Em “Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia”, Jorge Pedro Sousa alerta para a importância de se delimitar o conceito de notícia e critica a falta de união das teorias de jornalismo. O autor sustenta que as teorias unidimensionais não conseguem explicar as notícias e propõe uma teoria unificada. Ele próprio traz em seu estudo as sete principais (do espelho, da ação social ou gatekeeper, organizacional, da ação política, estruturalista, construcionista, e interacionista). Uma das teorias mais proeminentes e que serviu de base para o estabelecimento de outras análises do fazer jornalístico é a da ação social. Segundo Sousa, nesta teoria, “as notícias resultam da seleção de acontecimentos, com base nas opções particulares de cada jornalista seletor” (SOUSA, 2002). Ainda segundo o autor, que analisa as experiências de estudos de White, o jornalista, enquanto indivíduo, seleciona notícias como parte de um processo subjetivo, influenciado pelas experiências, valores e expectativas do gatekeeper. Esse processo é ainda “influenciado pelas fontes de informação, pelas audiências, pelos mercados, pelas entidades publicitárias, pelos poderes políticos, judiciais, etc.” (SOUZA, 2002). Todos esses aspectos produzem forte influência no que se conhece como “valor-notícia”, componente da noticiabilidade popularizado por Mauro Wolf e analisado por Traquina.

Na busca por notícias de suicídio divulgadas no dia a dia, presente neste trabalho, foram encontradas reportagens sobre suicídio, mas que apresentavam a morte voluntária como pano de fundo para outros assuntos protagonistas da cobertura (o homicídio ou o fato de se tratar de uma personalidade famosa). Traquina enumera alguns valores-notícia baseados nos estudos de Galtung e Ruge. Entre os doze, há a referência a pessoas de elite, ou o valor da proeminência e a negatividade, segundo a máxima “bad news is good news”. Esses dois valores-notícia podem explicar em parte o aparecimento dessas reportagens na busca por suicídio no factual.

No manual da Associação Brasileira de Psiquiatria sobre suicídio para jornalistas, o noticiário do tema aparece associado a cinco situações: 1. Quem morreu é uma figura pública ou celebridade. 2. O suicídio foi precedido de assassinato, este último perpetrado por quem se matou. 3. Atos terroristas, como nos casos de homens-bomba. 4. O suicídio provocou

problema que afetou a coletividade (por exemplo, engarrafamento). 5. Exposição do caso visando o sensacionalismo. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2016, p. 4)

Dapieve observa que “na imprensa brasileira, a tensão notícia espetacular X temor de contaminação é quase a regra quando o assunto é suicídio” (DAPIEVE, 2007). O mesmo autor, em seu estudo sobre a relação da imprensa com o suicídio, aponta para a notícia de apenas dois casos em 2004, na imprensa carioca. Vê-se, portanto, a dualidade que se dá ao analisar os critérios de noticiabilidade e valor-notícia que movem os interesses jornalísticos. Traquina observa a morte como um “valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo no mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal” (TRAQUINA, 2005, p. 79). No caso do suicídio, excluído o fator “notoriedade” (também identificado como valor-notícia), sua publicação está basicamente atrelada a algo maior.

Em 30 de setembro deste ano, jornais decidiram não publicar uma notícia de suicídio que ganhou destaque em redes sociais. Um homem parou no meio da Ponte Rio-Niterói após pegar um táxi, subiu no muro de proteção e fez um vídeo de si próprio antes de se jogar. A gravação era para um *storie* do Instagram, uma ferramenta de publicação de vídeos curtos que se apagam sozinhos da rede social após 24 horas. Na gravação, ele dizia “não levou fé, né? Olha onde eu estou. Era para tu ficar do meu lado. Agora você vai sofrer”. A mensagem era direcionada a uma mulher, mas foi vista por milhares – talvez milhões – de pessoas. A motivação do suicídio, portanto, era passional, mas não carregava outras ações antes (como um homicídio). Entre grandes sites de notícia do Rio de Janeiro, a notícia da morte do homem foi publicada apenas no SRZD, que preferiu não mostrar o vídeo e ilustrou a matéria apenas com uma foto do rapaz em cima da mureta de proteção da ponte. A notícia, em cinco parágrafos, não o nomeava e alertava para a campanha de prevenção ao suicídio, o Setembro Amarelo. O caso também foi replicado em pequenos blogs e sites sem muita expressão. Verifica-se, portanto, com a proliferação de redes sociais e redes de notícias independentes e autônomas, o cumprimento de critérios próprios na seleção das notícias. Neste caso, especificamente, o da audiência.

É claro que os mecanismos que fazem a imprensa funcionar como uma instituição notável há décadas não passa apenas pelos critérios noticiosos já expostos aqui e não seguem apenas algumas linhas subjetivas que fazem as notícias serem da forma que são. Souza recorre

a Michael Schudson para chegar a essa conclusão. As teorias unidimensionais não conseguem explicar as notícias, é preciso conciliar várias explicações para entendê-las.

As explicações para as notícias serem o que são só terão interesse se pressupomos que não é óbvio as notícias serem o que são. Se estivermos convencidos de que as notícias apenas espelham o mundo exterior ou que simplesmente imprimem os pontos de vista da classe dominante, nesse caso não é necessário mais nenhuma explicação. (SCHUDSON *apud* SOUZA, 2002, p. 6)

Em sua obra “O Segredo da Pirâmide”, Adelmo Genro Filho tece considerações a respeito do que se tem como função do jornalismo e o que se almeja, principalmente ao se buscar uma função social para a prática. Lembra ele que a notícia é a unidade básica da informação do jornalismo que, por sua vez, tem uma maneira muito própria de perceber e produzir seus fatos. Ele designa a isso um “fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas” (GENRO FILHO, 1987, p. 183). Com isso, para se atingir uma função social, ele sugere que a técnica da “pirâmide invertida”, ou seja, a colocação de fatos mais importantes no início dos textos, para prender a atenção do leitor, condensando fatos a um processo de narrativa esquematizado e bastante empregado no noticiário, dê espaço, também, para outras formas de se fazer notícia. E essas formas passam pelo aprofundamento dos temas.

De qualquer modo, a reprodução jornalística não pode decompor analiticamente um evento a ponto de destruir sua forma de manifestação. É no corpo mesmo do fenômeno que a notícia insinua o conteúdo, sugere uma universalidade através da significação que estabelece para o singular no contexto do particular. Na face do singular, através da mediação do particular, o universal se mostra num claro-escuro, como indícios, sugestões e pálidas imagens, que constituem a herança deixada pelos pressupostos filosóficos e ideológicos que presidiram a apreensão e reprodução do fenômeno. De fato, essa conexão com a particularidade é fundamental para a definição do conteúdo. (GENRO FILHO, 1987, p. 190)

Uma importante colaboração ao pensamento crítico sobre os meios de comunicação de massa na década de 1980 e que tem aplicações pertinentes aos estudos sobre o comportamento da mídia na produção diária de notícias vem de Muniz Sodré. Em "A Comunicação do Grotesco", o autor encontra motivações políticas e mitológicas da cultura de massa brasileira à luz da moderna Teoria da Comunicação. A audiência passa, com o

desenvolvimento dos meios de comunicação influenciando cada vez mais a sociedade, a se interessar pelo grotesco.

Em resumo, o grotesco é o mundo distanciado, daí a sua afinação com o estranho e o exótico. Afirma Kayser que ele aparece sempre onde falta ao homem uma orientação segura com relação à vida, sendo portanto a manifestação de uma angústia. Seria este o caso da cultura de massa brasileira? Não é o que nos parece. Aqui, o grotesco é posto a serviço de um sistema que pretende ser exatamente a compensação para a angústia do indivíduo dos grandes agrupamentos urbanos. (SODRÉ, 1992, p. 39)

Há de se relacionar o interesse do público pela violência à fantasia que se forma da percepção do grotesco na mídia. Sodré, em sua obra, traz o tema da violência como um dos que mais aparecem na televisão, de acordo com uma pesquisa do Jornal do Brasil do final da década de 1960, seguido pela "ostentação e ascensão social", "fantasias", "erotismo", "onda jovem", "humor", "política", "cultura e técnica" e "grotesco-chocante" (1992, p. 69). Em várias situações, claro, os temas se misturavam em um mesmo momento de transmissão.

A sedução, no noticiário, dos *faits divers* (fatos diversos) também ajuda a compreender a inserção do suicídio no noticiário. Para Ramos, o *fait divers*, de origem francesa, "designa, em sua generalidade, a informação sensacionalista. A sua pronúncia é bem anterior ao advento da Imprensa. Já existia em diferentes produções culturais na Idade Média, habitando a aura dos cantos dos menestréis" (2001, p. 6). No final do século XIX e início do século XX, o suicídio fez parte das publicações de jornais, em uma mistura de ficção e realidade (GUIMARÃES, 2004). Porém, como relatado ao longo deste trabalho, críticas provocaram a supressão desse tipo de notícia.

### **3.4 Os manuais de redação e o suicídio**

Os manuais de redação e estilo cumprem um importante papel na rotina de jornalistas pela função de orientar redatores e editores a como proceder em relação a determinadas pautas. Tratam-se, portanto, de critérios de noticiabilidade transcritos e adotados como os mais corretos a serem seguidos de acordo com a filosofia e princípios editoriais de cada publicação. No jornal *O Globo*, o suicídio aparece em um pequeno verbete, no capítulo sobre ética, e diz que "o jornal evita noticiar suicídios de desconhecidos, exceto quando o fato tem aspectos fora do comum" (1992. p. 87).

O jornal paulista *Folha de S. Paulo*, em seu manual, pede que o suicídio não seja omitido "quando ele for a causa da morte de alguém" (1992, p. 99). É interessante lembrar que o mesmo manual, no verbete "razões de segurança", afirma que "em regra, a Folha publica tudo o que sabe. Mas pode decidir omitir informação cuja divulgação coloque em risco a segurança pública, de pessoa ou de empresa", e que essa decisão precisa ser tomada em conjunto pela Direção de Redação e pela Direção da Empresa Folha da Manhã S.A.

O manual do jornal *O Estado de S. Paulo* não faz nenhuma referência ao tema. Já o manual do jornal *O Dia* (*apud* Grando), apesar de não ser tão lembrado no meio jornalístico como um a ser seguido, traz mais informações. Ele diz que *O Dia* não publica suicídios, a não ser em situações particulares, pela notoriedade dos envolvidos ou interesse público das razões que levaram ao ato. Diz o manual que "são exemplos disso os suicídios do ex-técnico da Seleção Brasileira de vôlei, Inaldo Manta, do aluno do Colégio Militar que não resistiu aos rigores da disciplina e suas humilhações, e do banqueiro que se matou em um quarto de hotel ao ver descoberto o desfalque que praticara" (1996. p. 47).

Percebe-se, portanto, que os principais manuais de redação não abordam o tema com a profundidade e cuidado necessários, cabendo às orientações verbais e às regras absorvidas ao na prática jornalística os critérios que influenciam os jornalistas a falar ou não sobre suicídio.

#### **4. A COBERTURA SOBRE CASOS DE SUICÍDIO**

No livro “Mídia e Violência”, as sociólogas Silvia Ramos e Anabela Paiva identificam que o suicídio, por si só, não aparece como dotado de valor-notícia suficiente para aparecer nos diários. Para elas, que analisaram o noticiário carioca, o suicídio diz respeito à esfera privada e só deve ser divulgado quando guardar relações com assuntos de interesse público.

Poucos temas são tratados com tanto cuidado pela mídia quanto o suicídio. Dos jovens repórteres aos mais antigos editores, todos os ouvidos por este trabalho consideram uma espécie de lei não escrita que o suicídio não é assunto de interesse público. Salvo exceções, a palavra suicídio é pouco lida ou ouvida na grande imprensa. A pesquisa realizada em 2006 pelo CEsSec, com oito jornais do Rio de Janeiro, encontrou apenas uma matéria sobre suicídio entre as 593 cujo foco principal eram atos violentos. (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 126)

##### **4.1 Metodologia**

A metodologia deste trabalho é uma análise de notícias em relação a seu enquadramento ou não nas orientações do manual da OMS a jornalistas. Para isso, há uma estratégia de localização de notícias por meio do buscador Google e a separação delas por cobertura (ex.: o suicídio ao vivo de um policial militar em uma transmissão no Facebook). Deve-se levar em consideração que a consulta no buscador pode apontar resultados diferentes dependendo de quem faz a pesquisa, de acordo com o equipamento (computador, celular, tablet etc.), o navegador (Chrome, Firefox, Internet Explorer...), o histórico e o mecanismo de busca (Google, Bing, Yahoo Search...), a localização geográfica, a data e outros variados aspectos associados ao momento da procura online. O resultado final, portanto, pode não ser o mesmo para quem faça a busca por conta própria. A partir daí, adota-se a Análise de Conteúdo qualitativa (método baseado na proposta de Laurence Bardin) e a correlação do conteúdo publicado nas reportagens com as orientações da mais atualizada versão do manual da OMS para casos específicos e gerais de suicídio, além das informações de ajuda. Categoriza-se, assim, quais itens das recomendações são usados e, principalmente, quais não são.

Para Bardin, “por detrás de um discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (2011, p.16). O filósofo e matemático, em sua obra, propõe uma série de técnicas para a análise de material coletado em pesquisas. Nas notícias encontradas, portanto, se buscam os sentidos da informação que são apresentados em textos analíticos. O material coletado da pesquisa é colocado em uma tabela, com as seguintes

informações: cobertura (identificada pela retranca, um texto curto com as palavras-chave da matéria), veículo, título, data e as orientações.

As recomendações são (com comentários próprios sobre critérios utilizados para enquadrar a notícia à orientação ou não):

### **O que fazer**

#### **1. Forneça informações precisas sobre onde procurar ajuda.**

O oferecimento de sites, telefones ou endereço de organizações de prevenção ao suicídio e de apoio a pessoas que pensam em tirar a própria vida serão levados em conta). O manual orienta que essas informações devem aparecer ao final de cada reportagem. O documento ainda afirma que uma longa lista de serviços pode ser contra-produtivo, devendo ser atentada a praticidade.

#### **2. Eduque o público sobre os fatos de suicídio e prevenção de suicídios, sem propagação de mitos**

Este item fala, mais especificamente, sobre não propagar mitos (no sentido de informações absorvidas pelo senso comum, porém de fonte duvidosa) sobre suicídio. Além disso, ele recomenda a orientação sobre a prevenção.

#### **3. Informe relatos de como lidar com situações de estresse da vida ou pensamentos suicidas, e como obter ajuda**

Este item não será levado em consideração, já que é mais encontrado em reportagens aprofundadas sobre o tema, com apuração voltada para a análise do fenômeno do suicídio na sociedade e com motivação de prevenção (detalhes sobre este tipo de notícia estão no capítulo 3, subcapítulo 1). No documento, é recomendado “reportar histórias de como lidar com o estresse na vida”. Logo, se a notícia é sobre um caso de suicídio, não entra nesta área, que pode ser explorada em outro momento pelo jornal.

#### **4. Tenha cautela ao informar suicídios de celebridades**

Este item também não será levado em consideração. Na pesquisa, foi encontrado apenas um caso de suicídio de celebridade ocorrido no Rio de Janeiro. Trata-se da morte da socialite Heloísa Faissol, em seu apartamento, em Copacabana. Dos jornais pesquisados, apenas *Extra* e *O Dia* noticiaram a morte; porém, num primeiro momento, a descreveram como sem causa identificada. A morte de Heloísa foi descoberta no dia 3 de fevereiro e apenas dias depois a possibilidade de suicídio passou a ser discutida, porém, por outros sites e blogs que estão fora do corpus deste

trabalho. Neste item, a recomendação da própria OMS é justamente que nos casos de suicídio que, num primeiro momento, ainda sejam tratados com dúvidas em relação à morte, não haja o relacionamento com o tema.

#### **5. Tenha cautela ao entrevistar familiares ou amigos enlutados**

O manual cita que utilizar os pontos de vista de parentes de suicidas pode ter resultados benéficos na prevenção de outros casos de suicídio. No entanto, este item diz mais respeito em relação ao fazer jornalístico. Ele prega cuidado ao entrevistar parentes enlutados pela morte de um ente querido. Neste aspecto, o item precisaria ser analisado à luz dos bastidores da produção da notícia. Um relato de um familiar em uma reportagem pode não dizer muito sobre se o entrevistado foi abordado da maneira correta, respeitosa.

#### **6. Reconheça que os próprios profissionais de mídia podem ser afetados por histórias sobre suicídio**

Este item também não será analisado na pesquisa, uma vez que também diz respeito a práticas de redação. O manual diz que os próprios jornalistas podem ser afetados por casos de suicídio, sobretudo em cidades pequenas, já que possuem, geralmente, muitas conexões. Neste caso, as orientações são para as organizações tomarem cuidado em relação ao próprio profissional, providenciando auxílio.

### **Não fazer**

#### **1. Não coloque histórias sobre o suicídio como destaque e não repita indevidamente tais histórias**

O item destaca que a colocação de histórias de suicídio como destaque e a repetição dessas histórias são propensas a influenciar novos casos de suicídio do que abordagens sutis. Diz, ainda, que casos de suicídio devem estar posicionados, no jornal, em páginas internas e no meio delas, não no topo. A recomendação também é válida para abordagens na TV, rádio e internet.

#### **2. Não use linguagem que sensacionalize ou normalize o suicídio, ou o apresente como uma solução construtiva para os problemas**

Este item diz respeito à linguagem utilizada nas notícias de suicídio. O manual recomenda que linguagem que sensacionalize o suicídio seja evitada. Cita o exemplo de que é mais adequado utilizar a expressão “aumento dos índices de suicídio” do que “epidemia de suicídio”. Isso será analisado no noticiário, levando em consideração outras abordagens sobre a definição de “sensacionalismo”. Essa recomendação diz que

é uma boa estratégia utilizar o termo suicídio associado a uma questão de saúde pública. Também diz que linguagem que normalize, desinforme ou proponha explicações simplistas sobre o suicídio deve ser evitada. Este item ainda estabelece que flutuações nos índices de suicídio devem ser observadas, para que não se caia no erro de apenas noticiar aumento de casos, quando a realidade não mostra isso. Outra recomendação interessante é sobre o uso da palavra suicídio para termos fora de contexto, como, por exemplo, “suicídio político”, que pode tirar a noção de sensibilidade da palavra. Diz que “suicídio bem-sucedido” ou “suicídio malsucedido” são termos que não devem ser usados. O manual recomenda a utilização de “morte por suicídio” ou “tirou a própria vida” do que “cometeu suicídio”, o que dá a implicação de crime à prática, e pode aumentar o estigma em relação a familiares ou amigos de quem se suicidou.

### **3. Não descreva explicitamente o método utilizado**

A descrição detalhada ou a discussão sobre o método utilizado deve ser evitada, já que pode influenciar pessoas propensas a se suicidar. O exemplo citado pelo manual é quando o suicídio se deve a uma overdose de remédios. Nunca deve ser detalhada a dosagem utilizada. O cuidado também serve para quando o método é considerado “novo” ou “raro”.

### **4. Não forneça detalhes sobre o local do suicídio**

Neste item, o manual afirma que o detalhamento de locais comuns de suicídio, como uma ponte, um prédio alto, um penhasco ou uma via férrea pode influenciar novos casos nesses locais. As notícias não podem dar ênfase à localização, usando linguagem sensacionalista, ou destacar tais locais como de altos índices de suicídio. Nesta análise, a simples citação do local não será levada em conta como, por exemplo, o fato de o policial militar que transmitiu o próprio suicídio pelo Facebook ter feito isso em casa.

### **5. Não use manchetes sensacionalistas**

Este item merece uma atenção particular. Ele lembra que as manchetes servem para atrair o público à reportagem por meio de poucas palavras que sintetizem o assunto. Diz que a palavra “suicídio” não deve ser usada na manchete, bem como o local do suicídio ou o método. Além de “suicídio”, a presente análise também vai conferir o uso de sinônimos, tais como “tirou a própria vida” e “se matado”. Claro que é preciso se dar conta da dificuldade em fugir do uso disso ou de sinônimos. Levemos como exemplo a notícia “Policial civil mata os pais da ex-mulher e tira a própria vida em Niterói”. A linha de raciocínio segue a continuidade de uma ação. Resumir a manchete

a “Policial civil mata os pais da ex-mulher em Niterói” deixaria o sentido do caso deficiente. De todo modo, como explicado anteriormente, questionamentos a respeito da consciência do manual são deixados de lado na avaliação prática.

#### **6. Não use fotografias e/ou filmagens da cena ou links de mídia social**

Este item basicamente se explica por si só. Trata-se de não mostrar a cena do suicídio, principalmente quando ela revela detalhes sobre o local ou método utilizado. Segundo o manual, pesquisa mostra que fotos associadas a atos suicidas podem ser reativado por leitores vulneráveis mais tarde, como durante uma crise pessoal, e pode então desencadear comportamento suicida. Outra recomendação neste item merece atenção: notas de suicídio, mensagens de texto finais, postagens de mídia social e e-mails do indivíduo falecido não devem ser publicados.

O presente estudo analisa como as redações tratam o tema, fazendo uma busca por casos noticiados em jornais de grande circulação do Rio de Janeiro (*O Globo, Extra, O Dia, Meia Hora, O Fluminense e Metro Jornal*, ou seja, jornais impressos que tenham versão online – deste modo, se exclui o *Jornal do Brasil*, que por muitos anos foi um dos principais diários do Rio de Janeiro, mas que passou a não ser mais publicado na versão impressa, pelo menos, até dezembro do ano da pesquisa). A busca será feita da seguinte forma: buscando os termos “se suicidou” e “cometeu suicídio” no Google Notícias, serão encontradas reportagens sobre o assunto. Em uma pesquisa prévia, foram encontrados 6 casos, no intervalo de um ano (de setembro de 2016 a setembro de 2017), com destaque para o do policial militar que se suicidou, ao vivo, em uma transmissão no Facebook. A busca dos termos se mostra satisfatória, uma vez que esse são recorrentes em notícias do tipo. “Se matou” ou “tirou a própria vida” aparecem como termos secundários, quando se precisam de sinônimos. Além disso, a busca focará em notícias factuais, aquelas feitas na correria do dia-a-dia da redação.

A pesquisa será feita utilizando aspas entre os termos, para encontrar a utilização deles sem alteração. Primeiro, com “se suicidou” + “rio de janeiro” para encontrar casos noticiados pelos jornais que aconteceram no estado. Depois, para ampliar a busca, usando “cometeu suicídio” + “rio de janeiro”. Em seguida, “se suicidou + nome do jornal + rio de janeiro”. Não serão considerados resultados de notícias republicadas de outras agências ou jornais, como na notícia “Rapaz confessa ter estrangulado cunhada após tentativa de estupro e se suicida”, publicada pelo *O Dia*, em maio de 2017, com conteúdo do *Estadão*.

Na primeira busca, foram inseridos os termos “se suicidou” + “rio de janeiro” e encontradas quatro notícias, publicadas por *Extra* e *O Dia*. A pesquisa se limitou à quinta página de resultados. Logo em seguida, foi utilizado o segundo método de pesquisa, que não retornou nenhum caso novo. Um terceiro método de pesquisa foi usado, mas desta vez em busca na área “web” e não “notícias”. Nenhum resultado novo foi encontrado nas cinco páginas subsequentes.

No primeiro método de pesquisa, também foram achados três casos que não apareceram na busca noticiados pelos jornais analisados (a morte da socialite Heloísa Faissol, um caso de um homem que se suicidou após matar uma mulher no bairro Gardênia Azul, na Zona Oeste do Rio e o de uma mulher que se jogou de um prédio em Copacabana). Termos dessas notícias foram pesquisadas com associações aos jornais, para encontrar coberturas feitas por eles. A pesquisa também se restringiu à data do acontecimento, justamente para a manutenção do aspecto factual, ou seja, do momento do fato. Desdobramentos, portanto, foram ignorados. Deste modo, a primeira notícia (mesmo com atualização) publicada por cada jornal foi validada. Aplicados todos os critérios estabelecidos, foram encontradas 17 notícias de sete coberturas, por quatro jornais diferentes. Destaque para o aparecimento de notícias do *Extra* (seis), *O Dia* (seis), *O Globo* (quatro) e *O Fluminense* (uma notícia). A tabela está no **Anexo 1**.

#### **4.2 Primeira cobertura: PM se suicida em transmissão no Facebook**

A primeira cobertura analisada data do final de janeiro de 2017 e é emblemática. Na noite do dia 28, um sábado, o soldado da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Douglas Vieira, de 28 anos, se suicidou com uma arma de fogo durante uma transmissão no próprio perfil do Facebook. O vídeo, ao vivo, podia ser visto por amigos, que acompanharam os últimos momentos de vida do PM. A morte de Douglas ganhou repercussão no dia seguinte nas versões online dos jornais *Extra*, *O Globo* e *O Dia*. O principal motivo da publicação das reportagens foi o que motivou o suicídio do próprio policial: a falta de salário, tema recorrente no noticiário carioca em meio à crise financeira que fez o estado atrasar os pagamentos aos servidores. As matérias apareceram acompanhadas de prints da publicação do policial, com trechos de frases atribuídas a ele.

Nenhum dos três jornais levou em consideração todos os oito itens do manual da OMS utilizados nesta pesquisa. *O Dia* seguiu cinco, *O Globo* seguiu quatro e o *Extra* seguiu três. Nenhuma publicação levou em consideração a orientação em relação a “não descrever

explicitamente o método utilizado”. O policial utilizou um revólver calibre 38 e os três jornais citaram o fato dele ter apontado a arma para a cabeça e atirado. O *Extra* vai além, e exhibe a imagem do PM com a arma antes do disparo. Na verdade, são duas imagens do tipo: uma apresentada no topo da página e outra no meio da matéria. Com isso, vai contra outra recomendação: a de não exibir fotos da cena. O jornal fez questão de citar no título “foto chocante”. O *Globo* também mostrou uma imagem do policial na transmissão, mas sem a arma. Já *O Dia*, utilizou imagens de arquivo do policial para ilustrar a reportagem, mas sem a cena do suicídio.

O *Extra* também não seguiu a orientação em relação a abordar o tema na capa (**Anexo 2**). A morte do soldado Douglas foi capa do diário no dia seguinte à morte, com os dizeres: “o que antes a gente evitava mostrar na era das redes não dá pra esconder”, em letras com destaque no alto da página, seguidos por “policial se mata ao vivo”, com grande destaque ao meio, e “a morte como espetáculo” acompanhando uma tarja preta no rosto do policial. Na parte de baixo da capa, segue com “vídeo viraliza e levanta discussão sobre como a sociedade deve lidar com um tema tabu: o suicídio” e, mais abaixo, “especialistas dizem como tentar impedir esse tipo de tragédia”. Publicações de redes sociais não estão sendo estudadas aqui, mas a postura do jornal, atualizada em relação ao manual da OMS, merece reflexão. A linha editorial do jornal costuma levantar questões que são discutidas na sociedade, mas recebem pouco eco na imprensa. O auxílio das capas para mensagens assim é recorrente no jornal, com o uso de todo o espaço, geralmente. De todo modo, como o estudo analisa as recomendações da OMS – sejam elas alvo de questionamentos ou não – o jornal foi assinalado como “não seguiu a recomendação” neste ponto. O *Extra* também foi o único a ferir a recomendação de não usar a palavra “suicídio” na manchete. Os outros usam termos “policial transmite a própria morte”.

Nenhum dos três jornais feriu a recomendação de não “sensacionalizar ou normalizar o suicídio”. Apesar de ter sido o jornal com mais recomendações não seguidas, o *Extra* foi o único a fornecer informações sobre onde procurar ajuda na matéria pesquisada. A publicação trouxe informações sobre o suporte 24 horas dado pela Comissão de Valorização da Vida (CVV), logo abaixo do primeiro parágrafo, com um link redirecionando para a página da instituição no Facebook. Mas, assim como os outros dois jornais, não ofereceu informações de prevenção. A matéria de *O Globo* destacou outro assunto na reportagem: o das recorrentes mortes de policiais militares no Rio de Janeiro.

### 4.3 Segunda cobertura: policial civil mata ex-sogros e se suicida

No segundo caso estudado, o de um policial civil que, não aceitando o fim do relacionamento, matou os ex-sogros e se suicidou, merece atenção especial. Ele foge totalmente da abordagem de suicídio vista na primeira cobertura analisada, em que o suicídio era o principal item das notícias. Desta vez, é a atitude do policial Marcelo Flávio Camardella Bravo, de 41 anos, que invadiu a casa dos ex-sogros, atirou contra o homem e a mulher, que tentou fugir. O agente ainda tentou fugir com a filha de 5 anos, mas foi impedido pela ex-mulher, que foi agredida com uma coronhada antes de o policial decidir tirar a própria vida.

Na cobertura do *Extra*, que utilizou um amplo material fotográfico e multimídia, apenas dois itens do manual da OMS foram observados: o que recomenda não dar detalhes sobre o local e o que recomenda não utilizar fotografias da cena do suicídio. No primeiro caso, o local da morte foi revelado, porém sem detalhes que incidam sobre taxa de suicídio ou algo do tipo. No segundo caso, as imagens se restringiram à rua em que os homicídios e suicídio ocorreram. Sejam as razões para o segundo item a falta de acesso ao local ou de envio de foto por algum vizinho, o jornal não feriu a recomendação. É interessante citar que a notícia do *Extra* foi replicada em *O Globo* que, por sua vez, só utilizou uma foto. O *Extra* ainda fez uso de vídeo da rua e de imagem de arquivo do policial.

Um dos itens não seguidos pelo jornal foi em relação ao cuidado com palavras utilizadas. Na capa de 23 de junho, dia seguinte ao caso, a publicação utilizou: “Policial mata ex-sogros e comete suicídio”. O termo “comete” vai contra as orientações. Além disso, o caso ganhou destaque, inclusive com a palavra “suicídio” utilizada na manchete e na capa da publicação. Com isso, feriu três itens do manual. Em relação ao método, o jornal citou que o policial se matou “com um tiro na cabeça”. Também não foram encontradas, na publicação, informações sobre prevenção ou contatos de ajuda.

A notícia do jornal *O Dia* do caso só não seguiu duas recomendações da OMS: a de fornecer ajuda e oferecer prevenção. A publicação foi mais curta, com três parágrafos, enquanto o *Extra* utilizou doze parágrafos, sendo duas citações de testemunhas do crime. O fato de o jornal ter feito uma cobertura com menos recursos informativos pode explicar porque não feriu as outras seis recomendações. O jornal de Niterói *O Fluminense* seguiu três orientações da OMS e foi contra cinco recomendações. O jornal utilizou o caso na capa (**Anexo 3**), usando ainda a palavra “suicídio” na edição do dia 23. Também não ofereceu

informações sobre prevenção ou busca de ajuda. Além disso, informou o método da morte: “disparo na cabeça”.

#### **4.4 Terceira e quarta: pais que mataram os filhos**

Na notícia sobre um homem que teria matado os dois filhos, de 10 e 6 anos, e se suicidado, em um condomínio na Freguesia, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, chama a atenção o fato de que a reportagem do jornal *O Globo* ser assinada pelos mesmos repórteres que escreveram a reportagem do *Extra* (Igor Ricardo, Louise Queiroga e Rafael Soares). Apesar disto, os textos são diferentes. O *Extra*, em sua publicação online, utilizou mais recursos fotográficos e textuais (cinco parágrafos, contra quatro de *O Globo*). Chama a atenção para o fato de que, apesar de três repórteres envolvidos, as narrativas não foram longas. O *Extra* noticiou, inicialmente, que três pessoas da mesma família foram encontradas mortas (o pai e as crianças) e que as primeiras informações da Polícia Militar dão conta que tratou-se de homicídio seguido de suicídio. A reportagem noticia o que teria motivado a ação: Cesar Antunes Junior estaria inconformado com o fim do relacionamento com a mãe das crianças, Andreia Magalhães Castro, e se revoltou após ver fotos do aniversário dela. A publicação utilizou cinco imagens, sendo quatro dos integrantes da família e uma da fachada do condomínio.

A matéria do *Extra* seguiu apenas duas das oito recomendações da OMS estudadas aqui. O jornal não utilizou linguagem que sensacionalizasse ou normalizasse o suicídio, ou que fugisse aos padrões orientados. A publicação também não usou fotografias da cena (a foto mais próxima disso foi a da entrada do prédio, mas sem nada que denotasse que ali houve um suicídio). A reportagem deu detalhes do local do suicídio (o homem teria se jogado do 5º andar do prédio, e caído de uma altura de 10 metros). Com isso, também detalhou o método utilizado. A matéria também utilizou o termo “se matado” no título da reportagem online, além de exibir a palavra “suicídio” na capa do dia seguinte ao caso, na versão impressa. A publicação também não foi acompanhada informações de prevenção ou ajuda, o mesmo que *O Globo* fez. Apesar de a reportagem ter sido escrita com outras palavras, a de *O Globo* também não seguiu as mesmas recomendações. Além disso, utilizou o termo “cometido suicídio”, o que foge dos padrões estabelecidos na recomendação número 2 sobre o que não fazer. Apesar disto, o caso não ganhou destaque na capa, fazendo com que a publicação também tenha seguido somente duas orientações (sobre capa e fotografias da cena).

O jornal *O Dia* deu destaque à notícia, trazendo um quadro em sua capa do dia 6 de março com uma foto do homem e das crianças e a chamada “Homem mata filhos e se suicida”. O texto segue: “Pai matou o casal de filhos, de 6 e 10 anos, a facadas e se jogou do quinto andar em Jacarepaguá. Peritos acharam bilhete escrito por ele debochando da ex-mulher: ‘Não vai ficar com a guarda de nenhum dos dois e também não vai me colocar na cadeia (risos)’” (**Anexo 4**). A publicação seguiu apenas uma recomendação, a de não sensacionalizar ou normalizar – ainda segundo os critérios do manual. Chama a atenção para o item 6, sobre o que não fazer. A matéria exibiu o bilhete deixado pelo homem, tanto na versão online quanto impressa. Assim como os outros dois jornais cariocas, *O Dia* deu detalhes do método e do local, utilizou o termo “se matou” na manchete, deu destaque e não forneceu informações sobre ajuda ou prevenção.

A cobertura seguinte a ser analisada é tão dramática quanto a anterior. Trata-se de um caso ocorrido em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Um pai matou a filha com um disparo de arma de fogo e se suicidou em seguida. Segundo as reportagens, Dário de Oliveira e Silva, que era agente penitenciário, não se conformou com o fim do relacionamento com a mãe da adolescente, com quem ele tinha um caso extraconjugal havia 15 anos – a garota tinha 14. O caso ganhou repercussão nos jornais *Extra* e *O Dia*. Curiosamente, *O Globo* não noticiou a tragédia. A análise mostra que o *Extra* seguiu apenas três recomendações: a de não sensacionalizar a notícia ou utilizar termos inadequados, não publicar fotografias e não dar detalhes sobre o local de morte. Lembrando que este último item tem como critérios o destacamento de locais com altos índices de suicídio. O homicídio e o suicídio, neste caso, aconteceram na própria casa.

O *Extra* revelou o caso em sua capa do dia 23 de março, com a chamada em um pequeno quadrado na parte inferior: “Homem mata a filha de 14 anos e se suicida” (**Anexo 5**). Com isso, também não seguiu a orientação de utilizar a palavra “suicídio” em destaque. A publicação divulgou o método utilizado (enforcamento), não forneceu informações de ajuda ou prevenção. Já a cobertura de *O Dia* seguiu apenas duas orientações: sobre a linguagem e detalhes do local. A publicação mostrou o caso em destaque na capa, com uma foto da menina morta e os dizeres: “Pai mata a filha, se enforca e deixa recado para a mãe da menina: ‘todo aniversário você vai chorar’”. A morte e o suicídio aconteceram no dia do aniversário da mãe da adolescente. Com isso, a publicação ainda feriu outra orientação, a de não divulgar notas de suicídio, enquadrada no item 6, sobre o que não fazer.

#### 4.5 Outros três casos, com menor cobertura

A cobertura seguinte foi notícia apenas em *O Dia*. Trata-se do suicídio de uma mulher, em Copacabana, no dia 9 de novembro de 2016, que se jogou do oitavo andar de um prédio e, na queda, atingiu um pedestre que fraturou a perna. Essa cobertura tem algumas características interessantes. Não se trata, como nos três casos anteriores, de alguém que tenha se suicidado após cometer um crime. Provavelmente se não houvesse o pedestre ferido, não haveria nem notícia. Chama atenção, também, que o caso não ganhou destaque em outros jornais, e só teve dois parágrafos de texto na edição online de *O Dia*, com uma foto. Apesar da notícia curta, o jornal não seguiu cinco recomendações. E tratam-se de critérios importantes. Além de não fornecer informações de prevenção ou ajuda, o jornal ainda apresentou o método utilizado e uma foto do corpo da mulher estirado no chão, sob um plástico preto (**Anexo 6**). Chama a atenção que outras recomendações foram seguidas: o jornal não utilizou “suicídio” ou “se matado” no título. Preferiu utilizar “Mulher cai de prédio e atinge pedestre em Copacabana”, seguido pelo subtítulo “De acordo com o relato de vizinhos, ela morava no oitavo andar. Homem atingido fraturou a perna”. A informação sobre possível suicídio vem implícita, no segundo – e último – parágrafo, com a informação de que, “segundo relatos de vizinhos através do Facebook, a mulher morava no oitavo andar e estaria sofrendo de depressão”. Já na legenda da foto, há a informação de que ela “teria se jogado”.

A próxima cobertura analisada, sobre um homem que matou a mulher e cometeu suicídio, no bairro Gardênia Azul, na Zona Oeste, foi publicada nos jornais *Extra* e *O Globo*. Os textos, no entanto, são similares, com algumas pequenas modificações de palavras e orações. O repórter que assina as matérias também é o mesmo. Os títulos também são semelhantes, e neles há a primeira orientação não seguida: a de não usar a palavra suicídio na manchete: Homem mata mulher e depois se suicida na Gardênia Azul. Os jornais seguiram quatro orientações e desrespeitaram outras quatro. As publicações trouxeram o método (enforcamento) e não forneceram informações de ajuda. Curioso notar que a capa de *O Globo* no dia da morte analisava polêmica em torno da temática suicídio da série “13 Reasons Why”, que tinha acabado de estrear na Netflix.

A última notícia analisada é sobre o suicídio da socialite Heloisa Faissol, que foi encontrada morta em casa, em Copacabana, em 3 de fevereiro. Nessa cobertura, há uma celebridade como personagem, o que chama a atenção para recomendações específicas do manual. O caso foi noticiado, inicialmente, sem que o suicídio tivesse sido dado como causa confirmada. Reportagens subsequentes noticiaram que a famosa sofria de depressão, ou seja,

implicando que o suicídio tenha sido a causa. De todo modo, foram analisadas notícias do *Extra* e de *O Dia*. Este último, já na primeira notícia do caso, exibiu um relato do cunhado da socialite que apontava para suicídio. As duas publicações só não seguiram a recomendação de fornecer ajuda ou informações de prevenção.

## 5 CONCLUSÃO

Não há dúvidas de que o noticiário é um reflexo da sociedade e que essa relação se retroalimenta de maneiras bastante peculiares. Na abordagem do suicídio, verifica-se um certo receio de jornalistas em abordar o tema. Aqueles que cobrem o “factual”, sobretudo as editorias de polícia, tentam ao máximo evitar a palavra, e quando o fazem, precisam procurar no acontecimento fatos que garantam e sustentem outros critérios de noticiabilidade. Os jornalistas que fazem uma apuração do fenômeno do suicídio na sociedade, em reportagens especializadas, por sua vez – apesar de não serem alvos deste estudo – não conseguem dar conta de uma produção que garanta a abertura ao tema que a sociedade precisa. Estudos sobre a influência da mídia em casos de suicídio admitem que ela precisa ser cuidadosa ao adentrar em um terreno tão espinhoso, mas a realidade revela que o tema não deve ser negligenciado nas rodas de conversa, nas relações entre as famílias, escolas, sociedades, e, principalmente, no grande ente que pauta parte da opinião pública. É uma realidade: casos de suicídio estão aí e gritam altas taxas, que fazem programas de prevenção buscarem ajuda nas mais diferentes instituições que compõem a sociedade.

Foi verificado, ao longo deste trabalho, que o suicídio só é tratado nos grandes jornais quando acompanhado de uma outra grande tragédia por detrás. Esse mix aponta para a constatação de que o assunto é pesado, merece ser visto com repulsa. Mas não é esta a realidade vivida nas famílias, que perdem entes sem entender o porquê e, só depois, tentam encontrar respostas para o que provoca alguém a tirar a própria vida. O trabalho analisou reportagens de grandes jornais, que influenciam no pensamento crítico de milhares de pessoas diariamente, mas que não atentam ao modo mais adequado de se falar sobre suicídio. Desde *O Globo*, com sua postura de publicação voltada às camadas de maior poder aquisitivo da sociedade carioca, passando pelo *Extra*, que passou a imprimir um ponto de vista bastante progressista sobre direitos humanos e dos mais oprimidos, até em *O Dia*, tradicional jornal de classe C e D, que mistura em suas páginas assuntos de celebridades e violência para abocanhar esta importante fatia dos grupos econômicos. Todos pecam, em algum nível, ao tocar no assunto. Não se deva assumir que seja tarefa fácil promover um noticiário 100% consciente sobre o suicídio. Há muitos fatores relacionados, experiências por detrás, e mesmo critérios que fazem com que o suicídio apareça em uma notícia sobre um pai que matou os próprios filhos como aspecto do vilão. A crítica, aqui, não está apenas na análise desse tipo de notícia. O problema é quando o suicídio só se manifesta nos jornais nesse tipo de publicação, quando se torna apenas resultado trágico de uma mente doentia e, para muitos, perversa.

Esta pesquisa procurou identificar o porquê das redações manterem essa fórmula. Nem se entrou no mérito de analisar notícias “caça-cliques”, espalhadas pela web, que têm o suicídio em si, e uma história dramática, como assuntos principais. A produção desse tipo de conteúdo, que em boa parte das vezes não é feita por profissionais – ou quando é, não está sob o chapéu de uma tradicional organização, com o cultivo de normas – é deixada para outro tipo de análise. Talvez seja o tipo de notícia mais nocivo. Mas, aqui, se procurou observar mesmo o trabalho de veículos que influenciam também outros veículos e que colaboram para a formação profissional de jornalistas. E talvez analisar a produção de notícias na web, cujo chamariz é fundado nos *faits divers* alimentados por suicídios e sangue, seja bem mais difícil. Essas respostas ficam para outra investigação. Essa daqui identificou que o suicídio não pode se resumir a ficar escondido em páginas internas, com destaques inexpressivos, e acompanhados de crimes. Precisa saltar aos olhos, mas do mesmo modo como se noticia aumento de casos de câncer ou de HIV: com o propósito de saúde pública.

Análise do suicídio no noticiário  
Acompanhamento das orientações da OMS

Cobertura (retranca)	Veículo	Título	Data	RECOMENDAÇÃO SOBRE O QUE		SEGUIU A RECOMENDAÇÃO SOBRE O QUE NÃO FAZER?					
				1 - Ajuda ?	2 - Prevenção ?	1 - Desta que	2 - Sensacio realizou ou norm.	3 - Método	4 - Detalhes sobre local	5 - Manchetes sensation alistas	6 - Fotografias e filmagem
PM Facebook	Extra	PM transmite suicídio ao vivo no Facebook; foto chocante	29/jan	✓	X	X	✓	X	✓	X	X
	O Globo	PM transmite a própria morte; ao vivo, pelas redes sociais	29/jan	X	X	✓	✓	X	✓	✓	X
PC ex-sogros	O Dia	PoliciaI militar transmite a própria morte ao vivo no Facebook	29/jan	X	X	✓	✓	X	✓	✓	✓
	Extra	PoliciaI mata os ex-sogros e se suicida na frente da ex-mulher e da filha, em Niterói	22/jun	X	X	X	X	X	✓	X	✓
O Globo	O Dia	PoliciaI mata os ex-sogros e se suicida na frente da ex-mulher e da filha, em Niterói	22/jun	X	X	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	Fluminense	Fonseca é abalado por tragédia	22/jun	X	X	X	✓	X	✓	X	✓
Pai Freguesia	O Globo	Pai teria assassinado os filhos e se matado na Freguesia	05/mar	X	X	✓	X	X	X	X	✓
	Extra	PoliciaI investiga caso de pai que teria assassinado os filhos e se matado depois	05/mar	X	X	X	✓	X	X	X	✓
Pai Belford Roxo	O Dia	PoliciaI apura se pai assassinou os filhos e se matou em seguida na Zona Oeste	05/mar	X	X	X	✓	X	X	X	X
	Extra	Pai mata filha adolescente para atingir a mãe após fim de relacionamento	22/mar	X	X	X	✓	X	✓	X	✓
Mulher cai prédio	O Dia	Homem mata a filha e depois se enforca em Belford Roxo	22/mar	X	X	X	✓	X	✓	X	X
Homem Gardênia	O Dia	Mulher cai de prédio e atinge pedestre em Copacabana	09/nov	X	X	✓	✓	X	X	✓	X
	Extra	Homem mata mulher e depois se suicida na Gardênia Azul, Zona Oeste do Rio	11/abr	X	X	✓	✓	X	✓	X	✓
Heloisa FaissoI	O Globo	Homem mata mulher e depois se suicida na Gardênia Azul	11/abr	X	X	✓	✓	X	✓	X	✓
	Extra	Socialite Heloisa FaissoI é encontrada morta na Zona Sul do Rio	03/fev	X	X	✓	✓	✓	✓	✓	✓
O Dia	Extra	Socialite e funkera Heloisa FaissoI é encontrada morta em Copacabana	03/fev	X	X	✓	✓	✓	✓	✓	✓
	O Dia	Socialite e funkera Heloisa FaissoI é encontrada morta em Copacabana	03/fev	X	X	✓	✓	✓	✓	✓	✓

## 6 ANEXOS

## Anexo 1:

Anexo 2:

INFORMAÇÃO

**EXTRA**

SEGUNDA EDIÇÃO  
RUIZ, presidente  
SEGUNDA-FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 2017  
R\$ 1,25

**O QUE ANTES A GENTE EVITAVA MOSTRAR  
NA ERA DAS REDES NÃO DÁ PRA ESCONDER**

**POLICIAL SE MATA  
AO VIVO NO FACEBOOK**



**A MORTE COMO ESPETÁCULO**

Vídeo viraliza e levanta discussão sobre como a sociedade deve lidar com um tema tabu: o suicídio

**ESPECIALISTAS DIZEM COMO TENTAR IMPEDIR ESSE TIPO DE TRAGÉDIA**  
VerCapas.com.br

PÁGINA 3

Anexo 3:

**FLUMINENSE**

ofluminese.com.br

CRUZILHOS, 23 DE JANEIRO DE 2017

**Tragédia em família no Fonseca**

Policial civil mata ex-sogros e se suicida na frente da filha

Um policial civil, de 42 anos, atirou e matou os ex-sogros, João Carlos Rocha, de 45 anos, e Diana Rocha, de 55. Feriu a mulher com uma revólver na cabeça e se matou com um tiro na cabeça no final da marcha de ontem, na rua Alcega Galvão, no Fonseca, Zona Norte de Niterói. Toda a trágica ação foi praticada na frente da filha do policial, de apenas 5 anos.

CIDADES/PÁG. 4

**Tiroteio deixa alunos sem aula em S. Gonçalo**

CIDADES/PÁG. 4

**Anuncie**  
Central de Vendas  
(21) 2621-9955  
comercial@ofluminese.com.br

**INTERVENÇÃO OU IMPEACHMENT**

**Picciani ataca governo e expõe crise política**

Presidente da Alerj alerta que não pagamento de salários pode afastar governador

CIDADES/PÁG. 5

**ESPORTES**

**Aves silvestres são resgatadas em Maricá**

Três aves da fauna silvestre estavam presas em gaiolas numa casa em Maricá.

Policiais da Unidade de Policiamento Ambiental da Serra da Trizica resgataram ontem 13 aves da fauna silvestre que eram mantidas em cativeiro, dentro de uma residência em Maricá, na Região Metropolitana do Rio. O resgate das aves só foi possível a partir de uma denúncia anônima.

CIDADES/PÁG. 5

**CÂMARA aprova reajuste de 4% para servidor**

CIDADES/PÁG. 4

**Deslizamento de encosta no Fonseca**

CIDADES/PÁG. 3

**Movimento da dança no Sesc SG**

A Companhia Urbana de Dança, conhecida por ser responsável pela coreografia de abertura do Festival de Inverno, vai apresentar seu novo espetáculo. "Cinco passos pra não cair no abismo" terá, no Sesc São Gonçalo, entrada a preços populares.

PÁG. 11

**Em Gourmet, confira as dicas para o inverno**

PÁG. 14

**ESPORTES**

**Dia de final em Itacoatiara**

Etapa do Mundial de Bodyboard define hoje os seus campeões

Sem brasileiros na disputa, os atletas estrangeiros, como o português Diogo Carneiro, lutarão pela conquista desta edição do Itacoatiara Pro.

PÁG. 10

**CULTURA**



Compartilha em Carlos Hugo e da Companhia Urbana de Dança



## Anexo 6:


ASSINE JÁ!
O DIA
65 ANOS

22 de Novembro de 2017
R\$
R\$
18°
22°
Rio de Janeiro

 Whatsapp  
 98762-8248
 

 BUSCAR NO DIA

MAIS O DIA
HOME
RIO DE JANEIRO
ESPORTE
BRASIL
ECONOMIA
MUNDO & CIÊNCIA
DIVERSÃO
OPINIÃO
BLOGS
CLASSIFICADOS

RIO

## Mulher cai de prédio e atinge pedestre em Copacabana

De acordo com o relato de vizinhos, ela morava no oitavo andar. Homem atingido fraturou a perna

09/11/2016 16:37:02 - ATUALIZADA ÀS 09/11/2016 16:46:58

O DIA

Rio - Uma mulher caiu de um apartamento no início da tarde desta quarta-feira, em Copacabana, Zona Sul do Rio. O prédio fica na Rua Sá Ferreira e, de acordo com o Corpo de Bombeiros, na queda, ela atingiu um pedestre que passava pelo local. A mulher, ainda não identificada, morreu com o impacto.



MAIS LIDAS

1. **Anthony Garotinho e Rosinha são presos - Rio - O Dia**
2. **PM estoura bingo clandestino que funcionava em igreja na Tijuca - Rio - O Dia**
3. **Diretor do Colégio Pedro II da unidade São Cristóvão é preso - Rio - O Dia**
4. **Fãs pedem expulsão de Marcos Harter da 'Fazenda' por violência psicológica - Diversão - O Dia**
5. **TRF manda prender novamente deputados e pede intervenção do STF no Rio - Rio - O Dia**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas. In: \_\_\_\_\_. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 57-79.

ALVES, Rubem. O morto que canta. In: \_\_\_\_\_. *Do suicídio: Estudos brasileiros*. Campinas: Papirus, 1991. P. 11-15.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Comportamento suicida: conhecer para prevenir (2ª Edição). 2016. Em: <<http://www.abp.org.br/portal/imprensa/manual-de-imprensa>>. Acesso em: 12 de novembro de 2017.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARROS. M.N.S. *Suicídio e os desafios para a psicologia*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2013.

BEZZ, Ana Claudia Moraes Merelles. *Amor e Pulsão de Morte: O enigma Florbela Espanca*. 84 p. Dissertação de Mestrado - Instituto de Arte e Comunicação Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão. seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Tradução Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMUS, A. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Edições Livros do Brasil, s/d.

DAPIEVE, Arthur. *Morreu na contra-mão: o suicídio nos jornais*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual de redação*. São Paulo: Publifolha, 12ª edição. 2007.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Tradução de António Ramos Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

GARCIA, Luiz. *Manual de redação e estilo O Globo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1992.

GRANDO, Carolina Pompeo. O suicídio na pauta jornalística. *Observatório da Imprensa*. Edição 596. <Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>> Acesso em 15 de novembro de 2017

GUIMARÃES, Valéria. Leituras Suicidas: análise de uma conferência de Gilberto Amado de 1910. *Revista PJ:BR*. 2004. <Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos3\\_e.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos3_e.htm)>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 9ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

OLIVEIRA, Elinês de A. V. *Romeu e Julieta na história da literatura ocidental*. João Pessoa: UFPB/DLEM/PPGL, s/d.

OLIVEIRA, Marcio da Silva. *Tristão e Isolda: aspectos do trágico e da tragédia grega no romance de cavalaria medieval*. (PPL/UEM), 2012.

PHILIPS. David P. *American Sociological Review*. Vol. 39, No. 3 Jun., 1974.

RAMOS, Roberto. Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. *Revista PUC-RS*. 2001. <Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3108/2383>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. *Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SANTO, Luísa Cavalheiro do Espírito. *Tristão: Um herói romântico?* <Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9870/5734>>. Acesso em 22 de novembro de 2017.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes, Porto Alegre, LPM, 2010

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. São Paulo: Editora Unesp, 2005. <Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/24881-24883-1-PB.pdf>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

SHNEIDMAN, E. *Definition of suicide*. New York: John Wiley & Sons. 1985.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco: Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

TOFFLER, Alvin. *Choque do futuro*. Lisboa : Edição Livros do Brasil, 1970.

TÓFOLI, Luis Fernando. 13 Parágrafos de Alerta sobre “13 Reasons Why” para pais, educadores e profissionais de saúde. Em: <<https://www.facebook.com/lftofoli/posts/647490008778109:0>>. Acesso em: 12 de novembro de 2017.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Preventing suicide: A resource for media professionals*. Geneva: World Health Organization, 2000.

\_\_\_\_\_. *Preventing suicide: A resource for media professionals update 2017*. Geneva: World Health Organization, 2017. <Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/258814/1/WHO-MSD-MER-17.5-eng.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2017.